

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 116 / NOVEMBRO, 1998 / Nº 2.036

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:
feb@febrasil.org.br

Editorial – União	2
O Espiritismo no Mundo - Juvanir Borges de Souza	3
O Desafio da Morte - Joanna de Ângelis	6
Filhos Perfeitos - Richard Simonetti	8
Viveremos Sempre - Passos Lírio	12
O Evangelizador Perante a Evangelização - Rildo G. Mouta	14
A Reencarnação Perante a Razão - José Soares de Almeida	16
Jesus, o Evangelho e a Reforma Íntima - Raphael Rios	19
Uma Lição do Cotidiano - Iaponan Albuquerque da Silva	21
Um Apelo do Espírito de Verdade - Inaldo Lacerda Lima	23
Esflorando o Evangelho - A Grande Pergunta - Emmanuel	25
A Mídia em Questão - Rosevelt Pinto Sampaio	26
Américo de Oliveira Borges - Antonio Lucena	31
Não Esqueça as Fontes - Geraldo Campetti Sobrinho	33
Aos Colaboradores de REFORMADOR	36
A Nossa Pompéia Interior - Gerusa Monteiro	37
Pátria Sagrada - Mário Frigéri	40
REFORMADOR de Ontem, Ensino para Hoje! - A Humildade do Médium Idalício Mendes	41
Além da Sepultura! - Ismael Ramos das Neves	43
REFORMADOR no Centro Espírita	43
Espiritismo e Ocultismo - Paulo de Tarso São Thiago	44
O Grupo de Estudos Espíritas da UNICAMP: Histórico e Diretrizes - Silvio Seno Chibeni	49
Seara Espírita	54

Nota: Quatro livros ilustram este mês a nossa capa, todos devidos à atividade intelectual e à dedicação à Doutrina Espírita do nosso confrade Martins Peralva: “Estudando a Mediunidade”, “Estudando o Evangelho”, “O Pensamento de Emmanuel” e “Mediunidade e Evolução”. Os próprios títulos dessas obras, citadas na ordem de seqüência de suas publicações, bem mostram a importância e utilidade dos assuntos nelas tratados. Com todo o empenho as recomendamos aos nossos leitores.

Editorial

União

Aqueles que já se convenceram de que a Doutrina Espírita tem pela frente uma obra ciclópica a realizar não se cansam de apelar para a união dos espíritistas.

A excelência dos princípios e postulados da Doutrina Consoladora é uma evidência indiscutível, ao alcance de todos os idealistas que almejam melhores condições de vida para a Humanidade.

A Doutrina, na sua origem divina e na intermediação humana de seu sistematizador, é obra de magnitude excepcional em nosso orbe, somente comparável à Mensagem do Cristo, que lhe dá suporte e com ela se confunde em seus aspectos morais e educacionais, justamente aqueles em que o homem encontra maiores dificuldades de vivenciar.

Cumprir, pois, agora, quando o Espiritismo finca suas raízes no mundo, aceitar por todos os que desejam a transformação moral da imensa população terrena, dinamizar sua divulgação por toda parte.

A Doutrina dos Espíritos é um todo unitário. Seus fundamentos são revelações divinas e não podem e não devem ser confundidos com idéias pessoais de seus seguidores, nem devem ser mesclados com idéias oriundas de outros segmentos filosóficos e religiosos, para que não sejam desvirtuados.

Assim como é dever dos espíritas sinceros zelar pela unidade da Doutrina, também lhes cabe cuidar da união entre seus adeptos. Todos precisam estar convencidos de que a união é essencial, quando o Movimento Espírita se propõe a apresentar soluções para os grandes problemas morais, sociais, educacionais e até políticos que assolam a Humanidade.

Será o maior contra-senso apresentar-se o Movimento Espírita como detentor das verdades que conduzem à fraternidade, à compreensão, ao amor ao próximo, à caridade, à solidariedade e, ele mesmo, mostrar-se desunido, dividido e antifraterno.

A casa dividida rui, não subiste, é o ensino evangélico.

O Movimento Espírita precisa ser coerente. Não pode oferecer normas de comportamento que ele mesmo não vivencia.

Os seguidores da Doutrina Consoladora precisam atentar na sua responsabilidade pessoal perante o Movimento, para que não se repitam os erros das denominações religiosas dogmáticas, exclusivistas, tradicionalistas, profundamente incoerentes. ■

O Espiritismo no Mundo

JUVANIR BORGES DE SOUZA

“Os obreiros do Senhor” e “Missão dos espíritas” são duas páginas de rara beleza, a primeira de autoria do Espírito de Verdade e a segunda do Espírito Erasto, recebidas em 1862 e 1863, em Paris, e incluídas por Allan Kardec no capítulo XX de “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

Todos os espíritas estudiosos da Codificação conhecem sobejamente essas comunicações que, na sua linguagem simbólica, apontam a função do Espiritismo e a necessidade de sua divulgação; a responsabilidade dos obreiros; os compromissos assumidos antes da encarnação, ou no decorrer dela, ao se tomar conhecimento da Doutrina; a chegada dos tempos para a transformação da Humanidade; diversas outras advertências, inclusive os transvios dos que falseiam o espírito da Nova Revelação, fazendo dela degrau para contentamento de vaidades e personalismos.

Essas instruções procedentes da Espiritualidade Superior devem ser entendidas no seu verdadeiro sentido, tendo-se em vista o simbolismo das palavras, que não devem ser tomadas ao pé da letra.

Houve, no passado, tal otimismo de alguns espiritistas, baseados no realismo e na beleza da Doutrina e no entusiasmo com que a aceitaram, ao ponto de julgarem que o Espiritismo se propagaria e se firmaria no decorrer do século XX em todo o Ocidente, e quiçá no Oriente, com a transformação total das sociedades humanas.

A rápida propagação da nova Revelação na França, nos primeiros anos dos trabalhos do Codificador, foi um dos motivos para o excesso de otimismo.

O desenrolar dos acontecimentos veio demonstrar o contrário do que esperavam muitos idealistas das primeiras horas.

Ao fim de algumas décadas, as conseqüências de duas grandes guerras e as transformações sociais sob forte influência do materialismo, do positivismo e do utilitarismo constituíram sérios obstáculos à implantação do Espiritismo no Mundo.

Na Europa, após relativo progresso na França, na Bélgica, na Espanha, em Portugal e na Inglaterra, o Movimento Espírita declinou, quase desaparecendo e só recentemente está retomando suas atividades, graças aos esforços de alguns idealistas que não deixaram fenecer as sementes ali plantadas.

Transplantada a Doutrina para a América, aqui encontrou terra fértil e cresceu o Movimento dela decorrente, principalmente no Brasil.

Entretanto, mesmo na América, no Brasil particularmente, há muito o que realizar para que o movimento reflita a excelência da Doutrina Consoladora e Esclarecedora.

Existem os obstáculos externos constituídos pelos indivíduos e instituições que se opõem permanentemente à Doutrina Espírita, movidos por idéias calcadas no materialismo e nas religiões tradicionais, cujos adeptos são incapazes de assimilar a Nova Revelação, repelindo tudo que contrarie suas convicções profundamente arraigadas, aquilo que instituíram como *verdades*.

Não há como forçar o entendimento de quem *não quer ver*. São milhões de criaturas mergulhadas nas trevas da ignorância a respeito das coisas transcendentais da vida que estão incapacitadas de perceber uma nova

realidade. Repelem toda idéia esclarecedora, mesmo sem examiná-la.

Aos espíritas sinceros compete não desanimar diante de tal situação. Nem tudo está perdido. Cumpre-lhes cultivar a paciência e confiar no Alto.

A solução do problema está nas próprias leis divinas, entre as quais a da reencarnação e a do progresso. O que não pode ser modificado numa existência, sê-lo-á em outra.

O que ocorreu com o Cristianismo ilustra a evolução da idéias. O paganismo praticamente desapareceu diante da Boa Nova mas foram séculos de oposição e de lutas.

A deturpação dos ensinamentos do Cristo, por interpretações infelizes e por interesses particulares, é outro capítulo a considerar. Para as necessárias retificações aí está o Consolador, prometido por Jesus.

Além da oposição sistemática das grandes religiões existentes no mundo à Doutrina dos Espíritos, idéias materialistas e utilitaristas surgidas no século passado têm dificultado enormemente a marcha da Nova Revelação.

No mesmo ano de 1848, marcado pelos fenômenos de Hydesville, Karl Marx publicava o célebre “Manifesto Comunista”, de influência decisiva em prol do materialismo, já que sua base é o materialismo histórico.

É sobejamente conhecida a aplicação das idéias equivocadas dessa corrente materialista no terreno social e político, adotadas em grandes nações do Ocidente e do Oriente, no decorrer do século atual, com revoluções sanguinárias em vários países.

O Positivismo, de Augusto Comte (1798-1857), é outra doutrina fundamentada na materialidade da vida, com total abstração da espiritualidade do ser.

Por ampliação analógica, o positivismo se aplicou às ciências em geral, opondo-se às hipóteses da metafísica e das religiões.

É fácil perceber a influência poderosa de uma filosofia denominada de positivismo, que só considera o lado material (positivo), prático da vida humana, em detrimento do ser espiritual, eterno, num mundo de natureza material como a Terra.

O Utilitarismo é outra filosofia materialista que busca colocar no interesse, particular ou geral, o móvel das ações humanas.

A teoria utilitarista, desenvolvida desde o século XVII, com Hobbes, é retomada no século XVIII por Bentham e, no século XIX, por Stuart Mill, com sua célebre obra “Utilitarismo” (1864).

Essa filosofia induz à busca da felicidade através do prazer, ou ausência de dores e mágoas.

Todas essas normas de indução para a vivência do homem contêm os germes do materialismo, sob diferentes entendimentos, opondo-se ao conhecimento real do homem, que é, antes de tudo, uma essência espiritual.

É interessante observar que as teorias e filosofias materialistas, que existem há milênios, tiveram seus teóricos mais notáveis no século XIX, justamente a época escolhida pela Espiritualidade Superior para a eclosão do Espiritismo.

Esse fato não é mera coincidência. Mostra que o Mundo não está à matroca, sem governança superior.

Também não é sem razão que Allan Kardec reconheceu que o Espiritismo é o verdadeiro inimigo do materialismo, já que a Doutrina Espírita, racional por excelência, opõe-se aos princípios ilusórios das filosofias que

encaram o homem apenas sob a visão material da vida, desaparecendo com a morte.

Os teóricos do materialismo baseiam seus estudos e idéias na transição da vida e na morte. Suas análises não ultrapassam a formação, o crescimento e o fim do corpo físico.

A influência nefasta das filosofias materialistas não atingiu apenas aos seguidores e admiradores dessas correntes de pensamento, mas, em razão da natureza da vida na Terra, atingiu também aos espiritualistas adeptos das religiões dogmáticas, que não têm capacidade de resistência firme e lógica, por desconhecerem os fatos que comprovam a existência do Espírito e a continuação da vida além-túmulo.

Era, pois, necessária a vinda do Consolador, percebemos hoje, para se opor tanto à intelectualidade acadêmica, que se encastelou nas ciências que tratam da matéria, reduto do materialismo, quanto às idéias religiosas presas ao dogmatismo absurdo, criado no seio das grandes religiões.

E o Consolador tem sua força na Mensagem do Mestre, que o prometeu, e nas Revelações Novas, ambas conjugando-se e complementando-se, não só para o restabelecimento da verdade e da realidade, mas também para a construção do progresso humano em bases sólidas.

Decorrido o século XX, com seu cortejo de grandes transformações sociais, extraordinário progresso científico e tecnológico que revolucionou os transportes, a comunicação, a medicina, e praticamente todas as atividades humanas dando à vida material das populações uma dimensão diferente, é hora de os homens atentarem para sua verdadeira natureza, conhecerem-se a si mesmos, descobrirem-se como Espíritos eternos em transição pela Terra.

Chegou o momento das transformações morais, da educação e reeducação das novas gerações não somente no campo do conhecimento, mas também no do comportamento humano dentro dos princípios genuinamente cristãos.

Os descobrimentos das Ciências da matéria e as revelações da Ciência Espiritual, descortinando o Mundo invisível que o Espiritismo põe à mostra, são indícios seguros de que “os tempos são chegados”.

O novo milênio que se aproxima trará, por certo, o fim de muitas quimeras, de preconceitos arraigados, de fanatismos e de egoísmos.

O velho Mundo de expiações pode perfeitamente transformar-se em um mundo relativamente regenerado, no decorrer do terceiro milênio, no qual a maioria de seus habitantes já terá deixado para trás a ignorância sobre a natureza da criatura humana e dominado o feroz egoísmo de nossos dias, fontes permanentes de tantos sofrimentos e incompreensões.

A grande missão do Espiritismo é a de orientar essa transformação, afanosa e difícil, mas perfeitamente viável, dependendo do valor dos trabalhadores conscientes que aceitarem a tarefa.

A transformação não se fará através de instituições criadas com tal objetivo.

Nem o Espiritismo visa aos poderes temporais da Terra, repetindo erros do Cristianismo desvirtuado.

Sua influência poderosa será através do próprio homem, regenerado pela reeducação integral, pelo conhecimento de si mesmo e pela prática do amor.

Aí está o grande desafio aos espíritas de hoje e de amanhã - trabalhar pela transformação moral do mundo que habitamos, começando por nós mesmos. ■

O Desafio da Morte

Entre os grandes enigmas do pensamento universal a morte vem ocupando lugar de primazia em face do profundo significado de que se reveste.

Desde recuados tempos tem permanecido com indecifrável ponto de interrogação, que dilacera sentimentos e desencoraja projetos de vida.

Alterando a estrutura da forma do ser, que desconecta os órgãos e os transforma na diluição da massa que desaparece na intimidade de outros elementos, assinala a existência física de forma perturbadora, desorientando o comportamento de todos quantos a vêem arrebatando aqueles a quem amam. Não apenas sob esse ponto de vista, mas também pela inexorabilidade de que se reveste, ameaçando aqueles outros que ficam.

No seu curso incessante, vê a chegada dos futuros candidatos ao seu arrebanhamento, atuando, às vezes, de maneira incompreensível, quando conduz quem está saudável e deixa o enfermo, quando toma o jovem em detrimento do idoso, ou irrompe cruel ceifando muitas vidas do mesmo clã, enquanto outros parecem inatingíveis.

Interfere, abruptamente, nos planos mais bem delineados, nunca podendo ser detida, porquanto nenhuma força humana consegue impedir-lhe a execução do programa.

Com a mesma naturalidade com que convoca o mendigo, assim procede com o poderoso, visitando reis e vassallos, nobres e plebeus, humildes e orgulhosos numa colheita inestancável.

Odiada por muitos e aguardada por outros tantos, prossegue no ritmo que assinala o transcurso dos evos, alterando a face do planeta e da Humanidade.

Utilizada pelos perversos contra aqueles a quem têm como inimigos, também os devora insensivelmente, demonstrando a vacuidade dos valores terrestres.

Apesar de todo o seu poder, é, no entanto, somente a mensageira da Vida que se encarrega de conduzir de retorno todos quantos saíram do Grande Lar e se encontram em viagem rápida pelo veículo do corpo.

Sem a sua rítmica presença, a vida humana se tornaria impossível, em face do desgaste a que está condenado o ser biológico e em face das ocorrências naturais do comportamento psicológico de todos os indivíduos.

Sem a sua natural presença, as inimizades se prolongariam desgastando os litigantes e as afeições particularistas impediriam o avanço da verdadeira fraternidade. Ela, porém, chega silenciosa e interrompe os programas estabelecidos, abrindo espaços para alterações expressivas, que logo têm lugar.

Sob outro aspecto, é somente abençoado veículo que transporta os passageiros físicos de uma para outra realidade, modificando-lhes a estrutura vibratória e conduzindo-os fielmente, tais como são, sem produzir-lhes alterações significativas que já não os assinalassem antes.

Esse processo deve ser encarado com naturalidade, porquanto ocorre incessantemente, desde que viver é também morrer, considerando-se que a energia que vitaliza o corpo vai sendo consumida enquanto está ativa até cessar de o manter.

A morte é portadora de grave advertência moral, qual seja convidar o ser humano à reflexão da ocorrência que a sucede.

Ela pode dar-se lentamente, através da exaustão dos órgãos, na velhice

ou na enfermidade, ou violentamente pelos acidentes de todo porte. Indispensável, todavia, é a preparação humana para o seu enfrentamento, porque o despertar além do portal de cinzas é inevitável, e cada qual acorda conforme adormeceu.

Tida por etapa final da vida, conseguiu demonstrar que é apenas o recomeço da mesma, dando curso a uma programação anterior, que nunca se interrompe.

Ei-la presente na Criação através do desaparecimento de umas formas para o surgimento de outras, aprimorando os aspectos de tudo como escultor que arranca do bruto a essência da beleza e a insculpe em formas ideais.

Esse desafio impõe-se para ser atendido com sabedoria e enfrentado com paz, de modo que, ao ser alcançado pelo seu convite aquele que retorne siga feliz, e os demais que ficam, permaneçam confiantes.

Sem provocar qualquer dor, ela mesma é somente o interromper dos laços que fixam o Espírito à matéria, libertando-o sem traumatismos, desde que se haja conduzido com equilíbrio e a venha aguardando com naturalidade.

A morte é, portanto, o traço de separação entre o estado orgânico do ser e o espiritual que ele é, permanente e eterno.

À medida que se está a morrer, enquanto se vive, conveniente que se esteja também construindo o porvir e liberando-se do passando, como aprendiz que armazena os valores que o deverão acompanhar para sempre. ■

JOANNA DE ÂNGELIS

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, no dia 20-6-1998, em Londres, Inglaterra).

Filhos Perfeitos

RICHARD SIMONETTI

- "Os Espíritos evoluem sempre.
- "Em suas múltiplas existências corpóreas podem estacionar, mas nunca regridem.
- "A rapidez do seu progresso, intelectual e moral, depende dos esforços que façam para chegar à perfeição." (Folheto institucional da Campanha ESPIRITISMO, UMA NOVA ERA PARA A HUMANIDADE, da FEB.)

Quando usamos a expressão *perfeccionista*, dependendo da entonação e circunstância, podemos estar exprimindo ácida crítica ou eloqüente elogio.

O homem diz:

- Minha mulher é uma perfeccionista. incapaz de dormir se no quarto há uma gaveta ligeiramente aberta. As crianças e as domésticas vêm-se em papos-de-aranha com ela.

Está sugerindo que se trata de uma neurótica que perturba todos na casa com sua mania de limpeza e de ordem.

A secretária diz:

- Meu chefe é um perfeccionista. Nunca está satisfeito com meu trabalho. Obriga-me a alterar mil vezes o texto de uma correspondência, até deixar-me estressada.

Está anunciando que se subordina a um maníaco obcecado que quer levá-la à loucura.

Mas podemos também exprimir admiração por alguém, reconhecendo que procura dar o melhor de si.

- Aquele músico é um perfeccionista. Compõe poucas músicas, mas de harmonia irretocável.

- Aquele marceneiro é um perfeccionista. Enquanto outros fabricam vários móveis ele produz um apenas, mas será uma peça de arte, acabamento primoroso.

*

Bem, nem todos somos perfeccionistas, no bom ou mau sentido, mas, sem nenhuma exceção, somos todos perfectíveis, isto é, passíveis de aprimoramento contínuo.

Seres imortais, evoluímos incessantemente ao longo dos milênios.

Fomos:

- O princípio espiritual que animou vegetais...
- A consciência embrionária que agitou irracionais...
- O selvagem que disputava espaço com feras famintas...
- O homem medieval às voltas com guerras e disputas...

Somos o homem moderno, perplexo com as conquistas deste século, a enfrentar complexos desafios relacionados com o desenvolvimento tecnológico.

Assim iremos, de degrau em degrau, desenvolvendo potencialidades, aprimorando-nos moral e intelectualmente, crescendo em espiritualidade, rumo a glorioso porvir, transformando-nos em prepostos de Deus, partícipes da Criação.

Jesus é o guia maior.

Está aonde chegaremos um dia.

Esteve onde estamos hoje.

*

Aprendemos com a Doutrina Espírita que todo patrimônio intelectual, moral e espiritual que adquirimos é inalienável. Não o perderemos jamais. Será sempre o nosso passaporte para um futuro melhor.

Ninguém retrograda.

Mas, infelizmente, muitos se distraem, estacionam, atrasam-se...

Isso acontece quando as pessoas perdem o entusiasmo, quando deixam de olhar para dentro de si mesmas, quando desistem de aprender, de lutar contra suas imperfeições, quando se acomodam aos vícios e paixões.

Então marcam passo, vivendo na Terra como sonâmbulos.

Falam, ouvem, movimentam-se, mas têm a consciência adormecida.

Raros despertam por sua própria iniciativa.

Muitos só o fazem com o concurso da Dor.

E há os que insistem em permanecer adormecidos.

Competirá à morte, a grande ceifeira, a tarefa de renovar-lhes as disposições, despertando-os do sono voluntário.

Para não experimentarmos o constrangimento de constatar, quando chegar nossa hora, que fomos dorminhocos na Terra, seria interessante avaliássemos, diariamente, como anda nosso aprendizado.

Intelectualmente, quantos livros temos lido, que estudos temos feito, que experiências temos desenvolvido?

Moralmente, estamos melhores hoje do que ontem? Estamos contendo nossos impulsos inferiores? Cultivamos valores espirituais?

*

O Espiritismo deixa bem claro que não podemos perder tempo. É preciso caminhar, buscar novos horizontes, desenvolver potencialidades, ampliar conhecimentos, aprimorar sentimentos.

É importante, em nosso próprio benefício, que busquemos priorizar o desenvolvimento moral, procurando saber o que Deus espera de nós.

Como fazê-lo?

É simples:

A vontade de Deus está definida, com perfeição, no *Sermão da Montanha* (Mateus, capítulos 5 a 7).

Tendes ouvido o que foi ensinado aos antigos:

Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo.

Eu, porém, vos digo:

Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam; bendizeis os que vos amaldiçoam; orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos de vosso Pai que está nos céus, Ele que faz nascer seu Sol sobre bons e maus e faz chover sobre os justos e sobre os injustos.

Porque, se só amardes os que vos amam, que recompensa tereis?

Não fazem o mesmo os publicanos e os pecadores?

Se somente saudardes os vossos irmãos, que fazeis nisto de especial?

Não fazem o mesmo os gentios?

Sede, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai celestial.

Ao abordar o mesmo tema, no capítulo 6, de seu Evangelho, Lucas situa uma expressão complementar de Jesus:

Sede, pois, misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso.

Conciliando os dois textos, diríamos que Jesus situa a misericórdia como sinônimo de perfeição moral.

Ela se exprime na compaixão pelas misérias alheias, a capacidade de nos compadecermos do próximo, sem distinções ou discriminações, mesmo quando nos cause prejuízos.

Jesus foi o grande campeão neste particular, dedicando sua existência ao empenho por socorrer aos sofredores e necessitados de todos os matizes.

Compadeceu-se dos próprios algozes na cruz, pedindo a Deus:

Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem (Lucas, 23;34)

*

É interessante notar que estamos todos tão longe da misericórdia, que nos surpreendemos quando vemos alguém exercitá-la com desenvoltura.

É como se fosse um ET, um ser de outro mundo.

Ficamos pasmos diante de uma Madre Teresa de Calcutá, pequenina, frágil, saúde precária... Não obstante, exerceu poderosa e benéfica influência sobre centenas de seguidores e admiradores.

Como o conseguia?

Simplesmente sendo misericordiosa.

Madre Teresa fez de sua vida um exercício de misericórdia. Viveu para servir, devotando entranhado amor aos pobres, doentes e sofredores de todos os matizes.

*

O Mundo assistiu emocionado, há algum tempo, às cerimônias que envolveram o sepultamento da princesa Diana, que o cantor Elton John chamou, inspiradamente, Rosa da Inglaterra, *vela que se apagou breve, mas gerou a luz de uma lenda imortal.*

Por que toda essa mística em torno dela?

Por que tanta gente chorando?...

Afinal, foi uma jovem comum, que teve seus sonhos, seus anseios, suas decepções e dores, suas fraquezas e limitações...

A resposta está em centenas de representantes de instituições filantrópicas, que foram convidados a acompanhar o cortejo fúnebre. Atendem a

órfãos, a enfermos, a velhos, a aidéticos, a mutilados de guerra, que ela visitou, apoiou e beneficiou.

As imagens mais duradouras, que falam mais de perto a todos nós, não são dos *paparazzi*, envolvendo sua privacidade, mas aquelas em que ela aparece abraçando aidéticos, beijando crianças, acariciando anciãos, com espontaneidade e carinho.

Essas imagens nos dizem que ela foi alguém especial, que exercitou a misericórdia, caminho perfeito de nossa realização como filhos de Deus.

Por isso será inesquecível, como Madre Teresa de Calcutá.

*

Ouvi, certa feita, um pregador afirmar que somos todos *criaturas* de Deus.

Somente os que aceitam Jesus, segundo os princípios de sua crença, são *filhos* de Deus.

Pobre pregador!

Decorou o Evangelho mas não entendeu Jesus.

Todos somos filhos do Altíssimo, herdeiros da Criação.

Para entrarmos na posse de nossa herança e assumirmos nossa posição, falta-nos um único dom:

Que cultivemos a misericórdia!

Então seremos filhos perfeitos de Deus! ■

Viveremos Sempre

PASSOS LÍRIO

“Ora, Deus não é Deus de mortos, mas de vivos; porque para Ele vivem todos”. - Jesus. (Lucas, 20:38.)

Assim nos relata o evangelista as palavras textuais do Senhor, nas quais a letra serve de fino cristal para guardar a essência do espírito vivificante. Aliás, as palavras de Jesus deixam sempre transparecer espírito e vida.

Dando-nos ao indispensável cuidado de apreender o conteúdo com que a letra se nos apresenta, podemos sorver progressivamente a linfa cristalina do “espírito”, onde, por certo, depreenderemos o sentido intrínseco da Vida Imortal, na perenidade de suas múltiplas e infindáveis manifestações.

Analisando as palavras do Mestre, expressas em tom explícito e peremptório, constatamos que tudo vive, tudo palpita, tudo se move e cresce sob a seiva divina do Amor do Pai. Onde há vida (e a vida existe em toda a parte), aí encontraremos o sinete, a marca inconfundível de sua ação onímoda - presença perene na criação de uma obra eterna e infinita.

“Ora, Deus não é Deus de mortos, porque para Ele vivem todos”.

Em realidade, nada morre. A própria Natureza, em seu laboratório, aproveita e transforma os elementos que não mais servem à manifestação de vida, para fazê-los ressurgirem numa outra pujante de teor divino.

Inquestionavelmente, o Sempiterno não é Deus de mortos.

Na apoteose dos mundos que gravitam nos arcanos do Universo, regidos por leis imutáveis, num atestado grandiloqüente de onisciente sabedoria, a Vida é ainda e sempre o alicerce basilar da inegável realidade de que o Divino Arquitecto não é Deus de mortos, e sim de vivos.

Na concepção justa dos destinos do Homem-Espírito, seria a única negação em todo o Cosmo, pleno de vida, estuante de seiva criativa, a condenação de sua individualidade aos abismos abscônditos, numa contraproducente destinação e injustificado contrasenso do quanto lhe está fadado na marcha ascensional, através da transmigração dos mundos e da pluralidade de existências. A ser assim, e a prevalecer tão absurda anomalia, seria sentenciar-lhe o aniquilamento, a perda irreparável e definitiva na condição de espírito encarnado.

Aí sim, morte inapelável de todos os santificados sentimentos, de todos os acrisolados anseios, de todas as perspectivas de aperfeiçoamento, de todos os sacrossantos afetos, de todos os altanados ideais, enfim, de todas as enobrecedoras motivações que justificam a razão de ser de toda uma vida.

O Altíssimo Senhor não é Deus de mortos, eis que, em sua complacente misericórdia e indefectível justiça, concede a cada um segundo as suas obras, renovando sempre as oportunidades para que suas criaturas se renovem.

“Para Ele vivem todos”.

O Amor do nosso Criador e Pai é suficientemente forte e soberanamente poderoso para levar a destinos felizes os filhos de sua Criação.

No Espiritismo, colhemos, reconfortados e ditosos, esta concepção de vida, em toda máxima expressão de amplitude e plenitude, em seus múltiplos e diversificados matizes. Em verdade, nossos entes queridos, que nos

antecederam no regresso ao Plano Espiritual, não morreram, sobrevivem, insistem em viver. Eles vivem, sim. Falando-nos, dão-nos mensagens, visitam-nos; descrevem para nós, ainda condicionados à existência terrena, as variegadas facetas e nuances da Vida no Além.

No monte Tabor, temos a constatação dessa irrecusável realidade consignada no Novo Testamento: Moisés e Elias, profetas da Antiga Dispensação, desenfaixados da libré da carne, em épocas diferentes, manifestam-se ao Cristo, a Pedro, Tiago e João.

Na parábola do rico e de Lázaro, ambos se encontram na Erraticidade: o primeiro em precárias condições espirituais, o segundo em ditosa situação, sem que àquele fosse deferido o pedido de ter amenizado o seu estado da alma, atenta à Lei de Causalidade, fundada em princípios básicos da Divina Justiça: “A cada um segundo as suas obras” e “Fazei aos outros o que quereíeis que vos fizessem.”

Que dizer da copiosa bibliografia espírita, neste quase sesquicentenário de divulgação, na qual há uma pletora de livros específicos, psicografados por Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco, além de outros médiuns, provando e comprovando a sobrevivência do homem?

Em verdade, tudo vive, tudo palpita, tudo se transforma no torvelinho dos múltiplos aspectos, nas transmutações de formas das vidas além da vida.

Por certo, o “Dia de Finados”, instituído para serem lembrados nossos “mortos”, com o carinho de nossas flores, deve nos induzir a antever também o destino que nos espera, a prestação de contas a que somos compelidos, num apelo, por assim dizer, à renovação de nós mesmos.

Nos dias atuais, em que a bênção do Consolador nos faz entrever horizontes amplos e iluminados, impulsos de preces votivas deveriam erguer-se em todos os lares:

Preces unindo o Céu à Terra, os vivos libertos na Espiritualidade aos vivos prisioneiros da carne.

Preces, suaves fragrâncias de flores da alma, para nossos entes sobreviventes no Além.

Preces, de cariciosas vibrações, pelo Espírito que, vivendo em outra modalidade de existência, procura na aquisição de valores eternos, em crescente progresso, a indispensável habilitação ao desempenho de programações de mais amplitude nas múltiplas áreas das atividades humanas.

Preces de gratidão e reconhecimento ao Criador por ser Deus de vivos e não de mortos.

Preces, ainda e sempre, pela sustentação das vidas bruxuleantes das crianças que aportam ao nosso mundo, a fim de que sejam vitoriosas no trajeto da nova trajetória terrena a que se propuseram levar de vencida.

Só então poderemos fazer coro com Paulo de Tarso (I Coríntios, 15:55): “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? ■

O Evangelizador Perante a Evangelização

RILDO G. MOUTA

Evangélizar a criança e o jovem é tarefa sublime e imediata.

Por isso, a Federação Espírita Brasileira, objetivando edificar o Reino de Deus na Terra, e sabendo que ele se inicia no ser espiritual de cada um de nós, com propriedade nos mais jovens, lançou, no memorável mês de outubro de 1977, em Brasília (reunião do Conselho Federativo Nacional) a “Campanha de Evangelização Espírita Infante-Juvenil”. Tempos depois, transformou-a em CAMPANHA PERMANENTE.

Os anos passaram. E, agora, duas décadas após, volta a FEB a lançar no seio do Movimento Espírita brasileiro um novo “Currículo para as Escolas de Evangelização Espírita Infante-Juvenil”. Melhor estruturado, e como “proposta curricular”, esperando “venha ocupar o espaço que lhe é devido por atender, de modo amplo, os anseios daqueles que se dedicam ao trabalho de Evangelização Espírita junto aos que desabrocham para a vida física, ansiosos por renovação espiritual”. Palavras textuais extraídas da sua modesta mas criteriosa apresentação.

Resta saber, agora, como deve ser a posição do evangelizador espírita perante este Currículo. Qual a sua maneira de proceder “como facilitador do conhecimento espírita”, diante das tarefas evangelizadoras que os inúmeros Centros Espíritas proporcionarão às crianças e aos jovens.

Inicialmente, saibamos quais os objetivos básicos da Evangelização Espírita Infante-Juvenil segundo o próprio Currículo:

- a) Promover a integração do evangelizando consigo mesmo, com o próximo e com Deus;
- b) Proporcionar ao evangelizando o estudo da lei natural que rege o universo; da “natureza, origem e destino dos Espíritos bem como de suas relações com o mundo espiritual”;
- c) Oferecer ao evangelizando a oportunidade de perceber-se como homem integral, crítico, consciente, participativo, herdeiro de si mesmo, cidadão do Universo, agente de transformação de seu meio, rumo a toda perfeição de que é suscetível.

Quanto ao evangelizador, qual a posição a tomar - repetimos - perante aqueles que o procuram para receber os ensinamentos?

- a) Conhecer os conteúdos doutrinários;
- b) Ser um referencial de comportamento ético, à luz dos ensinamentos de Jesus;
- c) Estar convencido de que a Evangelização Espírita contribuirá para a transformação da Humanidade;
- d) Ter entusiasmo pela tarefa;
- e) Ser flexível e receptivo na aquisição de novos conhecimentos;
- f) Ter visão integral do Currículo da Evangelização e de sua inserção no Movimento Espírita;
- g) Saber escolher metodologias que possibilitem ao evangelizando elaborar

- e expressar seu conhecimento;
- h) Ter sensibilidade para se avaliar, considerando seu papel de mediador entre o conhecimento, o aluno e sua realidade.

Este, em linhas gerais, o arcabouço que o evangelizador deve possuir para bem executar a sua tarefa, sabendo estar lidando com Espíritos encarnados em caminho para a luz. Mais ainda: colaborando nessa tarefa, com amor e dedicação, o evangelizador estará trabalhando com Jesus e Kardec na construção, em nosso Planeta, do Reino de Deus, o qual nos foi prometido pelo Cristo. ■

A Reencarnação Perante a Razão

JOSÉ SOARES DE ALMEIDA

A reencarnação é um dos princípios fundamentais do Espiritismo. Sem a alma submeter-se a múltiplas existências, a Doutrina Espírita torna-se incompleta, com uma lacuna a ser preenchida.

Examinando o assunto à luz da razão, com a mente livre, é inadmissível que o destino do Espírito, após a morte do corpo, seja apenas o de vaguear pelo mundo invisível, manter contato com os seres vivos e continuar como alma errática por toda a eternidade. Nessas condições, os Espíritos não têm a oportunidade de resgatar as faltas cometidas, conservando, assim, eternamente, as suas imperfeições, o que os deixará numa situação de perene inferioridade. Isso seria uma injustiça divina, porque um pecador seria sempre um pecador, um criminoso carregaria para sempre a mácula do crime, sem qualquer oportunidade de se redimir.

A soberana bondade divina, compreendendo que o ser humano é falível, dá-lhe sempre oportunidades de se reabilitar, de se arrepender, de progredir espiritualmente. É precisamente essa oportunidade redentora que Deus concede aos Espíritos através das reencarnações. “A reencarnação - afirma Allan Kardec - é uma necessidade evolutiva para o Espírito”. É de notar, porém, que sob a proteção do Todo-Poderoso nenhuma alma se perde, por maiores que sejam as suas imperfeições, e os sucessivos renascimentos são o único meio de salvação.

Mas, surge a pergunta: não pode a alma pecadora redimir as suas faltas, os seus sentimentos ruins e más tendências, e continuar evoluindo, sem precisar nascer de novo? Acontece, porém, que as faltas cometidas ocorreram durante as experiências na vida terrena, sendo, portanto, lógico que ela sofra as justas conseqüências e se depure no plano material onde se realizam as suas experiências.

A reencarnação nos abre um novo caminho a trilhar em que podemos testar novamente as nossas qualidades espirituais. Os sofrimentos, muitas vezes angustiantes, causados pelos nossos erros e desvios, o mais das vezes despertam na alma os sentimentos latentes do bem, do amor, de paz, de caridade. Vemos, assim, inúmeros casos de pessoas que muito sofreram dedicarem-se a uma vida de elevada moral, de tolerância e abnegação. Essa gloriosa mudança de comportamento acelera o progresso da alma rumo à perfeição.

Devemos lembrar que Deus não castiga nenhuma das suas criaturas, sendo Ele a bondade absoluta. As adversidades, as provações, as angústias que sofremos, não são enviados pelo Senhor, que ama até o mais mísero pecador, mas são o resultado natural da inflexível lei de causa e efeito. Os nossos sofrimentos são causados pelas nossas próprias ações, seja na vida presente ou em vidas passadas. De acordo com a sabedoria divina, a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória, o que significa que somos livres para agir da maneira que quisermos, mas não poderemos escapar dos efeitos causados pelos nossos atos.

Isso explica por que certas pessoas de excelentes qualidades morais e conduta exemplar passam, muitas vezes, por terríveis provações, a ponto de se julgarem injustiçadas pela Divina Providência e não saberem o motivo de tanto

sofrimento. O fato é que esses sofrimentos são a conseqüência mais que provável, não dos seus atos presentes, mas passados, não do que eles são hoje, mas do que foram na vida anterior. As suas qualidades virtuosas na vida atual não serão igualmente esquecidas e, segundo a lei de causa e efeito, terão a sua devida recompensa em próximas reencarnações, quando o Espírito se apresentará mais evoluído e aperfeiçoado.

Temos também o caso de gênios precoces, crianças-prodígios, cuja causa é francamente inexplicável, a não ser pela reencarnação. Mozart tocava piano e dava concertos aos quatro anos de idade. No Brasil, o menino Sibelius Tenório Donato, de Campina Grande, executava aos 11 anos quase todos os clássicos ao piano e órgão sem jamais ter estudado qualquer desses dois instrumentos. Na verdade, ele começou a tocar piano na idade de 3 anos e 8 meses.

É extraordinário como surgem esses talentos invulgares, os gênios inventivos, sem que nenhuma parte do organismo físico tenha qualquer participação, por se tratar de faculdades puramente espirituais. Atribuir esses casos à hereditariedade também está fora de qualquer probabilidade, pois nem os pais, nem qualquer outro membro da família desses seres geniais têm apresentado qualquer qualidade vulgar que justifique o prodígio como hereditário. Geralmente, os gênios nascem de famílias obscuras, de inteligência vulgar e de pouca cultura. Por outro lado, os seus filhos também não demonstram inteligência fora do comum, nem qualquer qualidade especial que os distingam, a não ser a fama do pai.

A única explicação plausível é que uma criança-prodígio, um gênio ou um ser de extraordinário talento é o Espírito reencarnado de um homem genial, de um grande artista ou de um sábio, que viveu no passado. Os Espíritos, quando reencarnam, transmitem ao novo ser as suas qualidades intelectuais, morais e psíquicas, que podem ser, na nova encarnação, ainda mais cultivadas e aperfeiçoadas.

Existem, ainda, casos muito freqüentes de dois irmãos apresentarem tendências e caráter totalmente diferentes, não obstante viverem na mesma casa, receberem a mesma educação, o mesmo conforto e carinho e freqüentarem o mesmo colégio. Um é dedicado aos estudos, obediente e respeitador, cultiva hábitos saudáveis e se esforça em triunfar na vida; o outro tem aversão aos livros, falta às aulas, junta-se aos colegas desordeiros, mete-se em aventuras, e se revolta quando os seus familiares lhe dão conselhos.

Essa enorme diferença entre dois seres nascidos dos mesmos pais, vivendo em idênticas condições, não tem outra explicação além do fato de serem Espíritos com diferentes graus de evolução. O Espírito de um adquiriu qualidades superiores às do outro em suas vidas passadas, criando, assim, a diferença em tendências inatas na vida presente, sendo, portanto, um irmão, moral e intelectualmente, mais desenvolvido do que o outro, que é Espírito menos adiantado. O Espírito, quando reencarna, reflete na nova existência o seu grau evolutivo.

Será que o irmão espiritualmente menos desenvolvido está predestinado a levar uma vida inferior e decadente? Certamente que não, por ser ele dotado de livre-arbítrio. Não se manterá inferior, se quiser progredir. Não existe fatalismo na reencarnação. No caso dos dois irmãos, o menos beneficiado pode, por sua livre vontade, reprimir os seus impulsos negativos, dominar as suas tendências ruins e decidir levar uma vida exemplar e correta; enfim, ele pode inverter a sua situação, como aconteceu com Santo Agostinho, que, de boêmio e arruaceiro, tornou-se Bispo de Hipona e Santo.

Muitos desses casos, aparentemente inexplicáveis, que antes confundiam a nossa imaginação, são esclarecidos, de maneira lógica e racional, pela reencarnação. Porém, a teoria de sucessivos renascimentos suscita uma reflexão. Por que as pessoas não se lembram das suas existências anteriores, se o Espírito é o mesmo? Existem vários casos pelo mundo inteiro de lembranças de vidas passadas, pesquisados por alguns cientistas, homens de indiscutível integridade. As lembranças, nos casos estudados, ocorreram, geralmente, em crianças de até 8 anos de idade e se limitavam apenas a alguns episódios e não a uma vida inteira. Pode-se também obter memória regressiva por meio de hipnose, conforme experiências já realizadas.

Existe uma forte razão que justifica o esquecimento das experiências pelas quais passou o Espírito nas encarnações passadas. Essas lembranças podem reviver cenas desagradáveis e comprometedoras, despertar velhos ódios e sentimentos de vingança, ou recordar algum ato vergonhoso cometido impiedosamente e que deixaria a pessoa constrangida na sua vida presente. Deus, em sua suprema bondade e justiça, achou conveniente, para o progresso espiritual, que em cada encarnação a vida começasse como um campo aberto para novas provas, sem perturbações nem obsessões, causadas por lembranças de cenas que seria melhor estarem esquecidas e que, certamente, prejudicariam o livre desenvolvimento espiritual.

Kardec explica que “o esquecimento temporário é um benefício da Providência. A experiência é muitas vezes adquirida por rudes provações e terríveis expiações, cuja lembrança seria muito penosa e viria somar-se às angústias das tribulações da vida presente”.

As características, as tendências e outras qualidades intrínsecas, adquiridas nas experiências passadas, continuam gravadas no Espírito e passam a atuar na nova encarnação. Não lembramos os meios como foram adquiridos, mas sentimos, apenas, os seus efeitos. E é a partir desse efeitos, do bem e do mal praticados anteriormente, que o Espírito tem a oportunidade de se reabilitar.

Podemos resumir a teoria da Reencarnação nessas maravilhosas palavras do Codificador Allan Kardec: “A vida no mundo material não é a verdadeira vida para a qual fomos criados; é apenas um estágio evolutivo, onde nos preparamos para a meta final”.

E, assim, de encarnação em encarnação, de experiência em experiência, de progresso em progresso, o Espírito vai-se desfazendo das corrupções, das imperfeições e dos defeitos adquiridos ao longo das suas múltiplas existências, até atingir total pureza e a máxima perfeição, quando não mais estará sujeito à reencarnação. ■

Jesus, o Evangelho e a Reforma Íntima

RAPHAEL RIOS

O mal subsiste em nós e entre nós, a despeito das luzes que, do Alto, se derramam incessantemente sobre a Humanidade desde os seus primórdios.

A condição humana ainda abriga reações animais, em que os *instintos ancestrais de defesa* do espaço, da fêmea, da prole, do alimento, da vida emergem das camadas profundas do nosso inconsciente. Instintos que vimos transformando desde que passamos da fase animal para a *fase racional*, do início da nossa consciência, há milhões de anos, através do aprendizado das reencarnações. O que, hoje, ainda subsiste na raça humana desses instintos é terrivelmente prejudicial à convivência humana pelos dolorosos conflitos que gera.

As predisposições para o bem ou para o mal, isto é, a disposição de agirmos num ou noutro sentido vem do nosso Espírito, representando o conteúdo da nossa evolução.

Esse conteúdo alberga vestígios instintivos que afloram na consciência sob formas refinadas entre muitas outras, do egoísmo, do orgulho e da vaidade - exaltações geradas pelo nosso ego inferior - os quais são verdadeiros cânceres arrasadores da paz e deles procede a grande maioria das imperfeições nefastas que infelicitam cada vez mais os homens, os povos do nosso tempo.

Essas predisposições desorganizam nossas emoções, provocam perturbações no nosso plano mental e povoam a nossa alma de pensamentos negativos contra o próximo, veneno mortal para a nossa saúde física e psíquica, além de atraírem, por sintonia, a presença de entidades malévolas que incentivam esses estados de ânimo negativo e deles se nutrem estimuladas ainda pela atmosfera astral do nosso planeta saturado de miasmas perniciosos que hoje ameaçam a convivência pacífica fraterna e harmoniosa em todos os lugares.

Com o advento do Consolador prometido pelo Mestre, que é a Doutrina Espírita, derradeira bênção derramada pela Providência Divina, luminosa, desvendadora dos mistérios e aflições que atormentavam a alma humana, foram relançadas, revividas, pela Codificação Kardequiana, sob o amparo de Jesus, as bases fundamentais do Evangelho Redentor para a renovação das almas através da sua *Lei do Amor* aplicada na *Reforma Íntima*, permanente, incansável, de cada ser humano, na realização do objetivo máximo de tornarmos-nos merecedores, pelo nosso próprio esforço e mérito, de habitar o prometido mundo de regeneração e paz, onde, conforme afirmação do Cristo, os brandos herdarão a Terra.

A Reforma Íntima é um processo voluntário de transformação de nossa alma. Essa transformação, que o ser humano se propõe a si mesmo, é uma *transformação moral*. Trata-se de promover mudanças éticas no caráter, na conduta, nos pensamentos, palavras e obras.

De acordo com o que a nossa Doutrina nos ensina, revivescência que é do Cristianismo primitivo, o *paradigma*, o *símbolo real*, o *Mestre* em quem devemos nos refletir no labor incessante da nossa mudança é o doce rabi da Galiléia, Jesus de Nazaré. O Evangelho de Jesus é não só a pedra angular do Consolador Prometido, da Doutrina dos Espíritos, mas a régua de medida, o referencial universal com que aferiremos o nosso proceder, o nosso avanço ou o

nosso recuo no processo de espiritualização que nos propusermos: a visão real do que somos no íntimo de nossa consciência e quão perto ou distante estejamos do amado Mestre Jesus que nos exorta a nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou.

Jesus buscou na sua vida de abnegação e sacrifícios ilimitados ensinar-nos o caminho da nossa redenção, da nossa salvação pessoal: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Ele viveu sempre os ensinamentos e conceitos salvadores que deixou como legado redentor para a Humanidade. Embora fosse um Espírito Excelso, viveu junto aos homens, lutando na vida humana com as mesmas armas, sem privilégios especiais e sem recorrer a interferências extraterrenas para eximir-se das angústias e das dores, inerentes à sua tarefa messiânica. Seu programa na Terra estava e está destinado a salvar tanto o sábio quanto o rico, tanto o iletrado quanto o pobre, por isso enfrentou as mesmas reações que eram comuns a todos os homens, suportando as tendências instintivas e os impulsos atávicos, próprios da condição humana.

O Evangelho - manual da lei do amor de Deus - não é simplesmente um repositório de máximas e advertências morais. Em verdade, o Evangelho, relatando a experiência vivida integralmente por Jesus, em 33 anos de sua vida física, é para demonstrar a todos o “caminho” da evolução indicado pelo Criador à criatura, um tratado para orientar em qualquer época, qualquer tipo humano em qualquer latitude terrestre.

A vida de Jesus, tão sublime e vivida sob a força do seu imenso amor por nós, Governador que é deste Orbe, teve por norma fundamental viver e expor a Lei de Deus. O Evangelho é a síntese de todos os ensinamentos que, respeitando o livre-arbítrio individual, apresenta, *para todas as épocas*, normas de evoluir ao alcance de *todos os homens*, independentemente de grau de inteligência, raça ou condição social. É um processo doutrinário de moral que disciplina e orienta qualquer ser humano. E está consubstanciado nos ensinamentos: *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*; só fazer ao próximo o que queremos para nós mesmos; jamais fazer ao próximo o que não queremos para nós mesmos.

Precisamos, enfim, da aplicação dos preceitos cristãos às nossas vidas, pensamentos, palavras e obras, usando o nosso discernimento iluminado pelos princípios da Doutrina Espírita e pela prece sincera e pura; direcionando o nosso livre-arbítrio no caminho do bem e do amor ao próximo, expulsando de nossa alma o orgulho, a vaidade, o egoísmo que armam o gatilho das derrotas morais.

Sigamos o Cristo e seremos vencedores. ■

Uma Lição do Cotidiano

IAPONAN ALBUQUERQUE DA SILVA

Há tempos, por uma dessas casualidades da vida rotineira, travamos contato com um indivíduo assaz singular. Não era desse tipo de homem falador, de fácil interação a qualquer grupo social, embora também não fosse nenhum “Dom Casmurro”, tão bem retratado por Machado de Assis.

Apesar de ser assim, fechado, circunspecto, introspectivo, tinha lá seus momentos de entusiasmo. Vez por outra fazia amizades. Fê-la conosco, logo conosco que, ao inverso dele, sempre fomos extrovertidos ante quaisquer situações, e até mesmo dotado de natural bom humor, que nos leva a sorrir com as coisas que defrontamos no dia-a-dia da trajetória terrena.

Coincidentemente, passamos a notar que, em determinada rua de nosso modesto bairro, erguia-se, aos poucos, belíssima residência particular, e, em breve, por informação gratuita, ficamos sabendo que o dono daquela casa portentosa era, nada mais nada menos, que o nosso taciturno amigo.

Volta e meia encontrávamo-nos, a caminho do trabalho, com o novo amigo, e, ao mesmo tempo que dividíamos, às duras penas, as aperturas de um assento de ônibus, trocávamos impressões.

Confirmou-nos a informação de que, em verdade, era sua aquela moradia em construção, a qual, indubitavelmente, suplantava todas as outras, que a rodeavam nas proximidades. Tinha algumas posses, valera-se das economias que juntara durante dezenas de nos, e agora colocara tudo, dinheiro e esperanças, no belo palacete que mandara erguer.

Foi então, com o perpassar do tempo, conversa após conversa, que chegamos à conclusão de que o nosso companheiro de condução e acenos de rua, era um aferrado materialista. Sua palavra girava, sempre e sempre, sobre dinheiro e nada mais.

De mansinho, sem feri-lo, tentamos algumas vezes inocular-lhe, via conversação, a linfa sagrada da Fé, na vã esperança de tornar seus dias de vida menos áridos e rotineiros. Quem sabe - perguntávamos - se ele bebesse da água cristalina que promana das nascentes da Espiritualidade não perdesse aquela sede escaldante, aquela sofreguidão incontrolável pela posse dos bens materiais? Não que lhe condenássemos algo, mas para mostrar-lhe que “nem só de pão vive o homem”, conforme asseverou-nos o Mestre de Nazaré. No entanto, não houve como despertá-lo do letárgico sono; jamais desviaria um centavo daquela obra para ajudar alguém; os outros que se arrumassem, não era problema seu!...

E a obra cresceu, agigantou-se e chegou ao seu termo final. Em determinada ocasião, o nosso amigo chamou-nos à parte e nos fez amável convite: queria nosso comparecimento à nova e aprazível residência, a fim de festejar-lhe o acabamento; em breve, estaria morando nela. Agradecemos a honrosa lembrança com que fomos distinguidos mas não garantimos a nossa presença, que dependeria de outras circunstâncias.

O surpreendente veio depois. Na manhã seguinte à aludida festa, à qual não comparecemos, num dia cinzento e frio por efeito de uma chuva miúda que insistia em cair, a caminho do trabalho, passamos, como sempre, em frente ao palacete do amigo de condução, notando estarem as portas abertas e, estranhamente, uma intensa movimentação silenciosa em seu interior.

Aproximamo-nos e perguntamos a alguém o que tinha acontecido para haver aquela aglomeração de pessoas, algumas entrando, outras saindo. E, para surpresa nossa, informaram-nos que durante a festa, devido à grande emoção que sentira, o proprietário tivera um colapso fatal e já pertencia ao número dos mortos. Nem sequer desfrutara um dia do conforto do interior de sua nova e principesca residência.

De imediato, evoluiu-se do nosso pensamento uma prece pelo recém-desencarnado, que, completamente empolgado pelas expressões de conforto e comodidade da vida material, tinha se desinteressado do entesouramento dos valores morais e espirituais, únicos de real valia no Plano Espiritual.

Então, acudiam-nos à mente aquelas sábias palavras do Divino Mestre: - "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?" (Lucas, 9:25). ■

Um Apelo do Espírito de Verdade

INALDO LACERDA LIMA

“Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo” (O Evangelho segundo o Espiritismo”, Cap. VI, item 5.)

Difícil é o momento que estamos atravessando nas escalada do Tempo. É como se as forças da sombra de repente se arregentassem em tumultuoso e triste escarcéu contra não sabem o quê.

Não é preciso sair de casa nem perscrutar a vida externa através das janelas de nosso domicílio. Basta ligar o aparelho de TV ou o rádio de nossa viatura, ou dar uma espiada nos jornais do dia...

As informações se sucedem com tonalidades alarmantes em toda a vida social. É um edifício que desaba por causa de estruturação criminosa; é um laboratório respeitável, inopinadamente denunciado ou flagrado em uma produção fraudulenta; são medicamentos falsificados que a polícia retira das prateleiras das farmácias; são toneladas de entorpecentes, criminosamente camuflados, surpreendidos, aqui ou ali, na rota do narcotráfico; são cartões de crédito inexplicavelmente utilizados por trapaceadores, causando choque na alma de seus legítimos proprietários; são crimes hediondos praticados contra a pessoa humana, sem que as autoridades encontrem meios de evitá-los.

Que é que está a ocorrer com a Humanidade?

É a primeira indagação que fazemos a nós mesmos diante da estupefação generalizada, num cenário crucial e de horror.

Parece-nos ouvir, às vezes, uma resposta plausível para todo esse pavoroso espetáculo: o homem esquecido de Deus! Quanto às religiões, julgamos vê-las cada vez mais distanciadas do próprio espírito de religiosidade, não obstante um sem-número de seitas ditas evangélicas, que se multiplicam assustadoramente, algumas até com chistosas exclamações tais como: “O Espiritismo oferece a felicidade depois da morte, nós a oferecemos aqui mesmo, nesta vida!...

Mas tudo isso é normal em face do espírito materialista que vemos crescer e dominar em toda parte. O que nos preocupa é a conduta de determinadas vozes ditas espíritas que, às vezes, até imaginamos fazerem eco com esse estado de coisas, tal a indiferença com que se desligam do verdadeiro objetivo do Consolador para se dedicarem a outros misteres que nada têm com a função fundamental do Espiritismo, no momento atual. É a razão óbvia deste artigo.

Antes de desenvolver este assunto, refletimos várias vezes sobre a mensagem do Espírito de Verdade, da qual extraímos a exortação que encima este trabalho.

São ao todo cinco mensagens nesse capítulo VI de “O Evangelho segundo o Espiritismo” assinadas pelo Espírito de Verdade, que precisam ser bem refletidas. E não nos parece haver tempo para digressões. O Espiritismo não deve nem pode ser tratado como uma doutrina qualquer. Nem foi em vão que no capítulo XX da referida obra, Allan Kardec, na conformidade da seriedade da Doutrina que codificou e apresentou ao mundo, tratasse-nos como *trabalhadores da última hora!*

Às vezes, chegamos a imaginar que a título de não parecerem fanáticos certos espíritas excusam-se de refletir sobre essas mensagens do Espírito de Verdade. Será que supõem tratar-se de uma mentalização do Codificador? É possível, pois que dúvidas já foram levantadas sobre o livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” e a respeito da existência do Anjo Ismael. Alguém já não se encorajou a falar de Emmanuel, acusando-o de defensor do jesuitismo no Espiritismo? Bezerra de Menezes não foi tachado, e recentemente!, de místico e mariólatra? Que haveria de espantoso nisso?!

Não subestimemos a hora presente. Não há mais tempo para deambulações. O Senhor efetivamente precisa contar conosco, com a nossa fidelidade ao Evangelho e devotamento à Doutrina que nos irmana. Meditemos demoradamente sobre as referidas mensagens. Elas se destinam aos Espíritas - termo que estamos grafando com letra maiúscula como Allan Kardec costumava fazê-lo em seus escritos na *Revue Spirite*. Os companheiros leitores da *Revue* já observaram? Já imaginaram o porquê desse modo de agir do Codificador?

O apelo do Espírito de Verdade nós o entendemos em toda a extensão da Codificação do Espiritismo. A propósito: já procuramos refletir na maneira como ele, Espírito de Verdade, se dirigiu ao insigne pedagogo naquela sessão de 12 de junho de 1856, através da médium Srta. Aline (página 281 de “Obras Póstumas”, 13ª edição da FEB)? E já observamos a resposta do professor Rivail? Não é necessário transcrevê-las aqui, pois que o espírita sincero conhece-as de sobejo.

O tempo urge. Atendamos ao apelo do Espírito de Verdade e permaneçamos nele, inteligentemente fraternos e unificados, recordando a voz rediviva de Jesus: “Sede um comigo assim como eu sou um com o Pai que está nos Céus”. ■

ESFLORANDO O EVANGELHO - EMMANUEL

A Grande Pergunta

“E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?”- Jesus. (LUCAS, 6:46)

Em lamentável indiferença, muitas pessoas esperam pela morte do corpo, a fim de ouvirem as sublimes palavras do Cristo.

Não se compreende, porém, o motivo de semelhante propósito. O Mestre permanece vivo em seu Evangelho de Amor e Luz.

É desnecessário aguardar ocasiões solenes para que lhe ouçamos os ensinamentos sublimes e claros.

Muitos aprendizes aproximam-se do trabalho santo, mas desejam revelações diretas. Teriam mais fé, asseguram displicentes, se ouvissem o Senhor, de modo pessoal, em suas manifestações divinas. Acreditam-se merecedores de dádivas celestes e acabam considerando que o serviço do Evangelho é grande em demasia para o esforço humano e põem-se à espera de milagres imprevistos, sem perceberem que a preguiça sutilmente se lhes mistura à vaidade, anulando-lhes as forças.

Tais companheiros não sabem ouvir o Mestre Divino em seu verbo imortal. Ignoram que o serviço deles é aquele a que foram chamados, por mais humildes lhes pareçam as atividades a que se ajustam.

Na qualidade de político ou de varredor, num palácio ou numa choupana, o homem da Terra pode fazer o que lhe ensinou Jesus.

É por isso que a oportuna pergunta do Senhor deveria gravar-se de maneira indelével em todos os templos, para que os discípulos, em lhe pronunciando o nome, nunca se esqueçam de atender, sinceramente, às recomendações do seu verbo sublime. ■

(Do livro “Caminho, Verdade e Vida”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 47, págs. 109 e 110, 17ª ed. FEB)

A Mídia em Questão

ROOSEVELT PINTO SAMPAIO

Estamos presenciando, no momento, um forte movimento de solidariedade e fraternidade a nossos irmãos que padecem pela inclemente seca que assola o Nordeste do País, deixando populações de vários municípios em estado de profunda miséria e fome. Podemos perguntar: quem foi o responsável por esta extraordinária mobilização que envolveu desde operários em suas fábricas, a estudantes, consumidores de supermercados, negociantes, etc? A resposta é, sem sombra de dúvida, A MÍDIA.

A televisão foi aos locais onde o fato podia ser visto com chocante realidade, mostrou mães aflitas dando a seus filhos famintos mamadeiras de água com bagaço de limão, crianças comendo cactos - que era anteriormente usado apenas como ração do gado - ou correndo atrás de calangos como forma de obter algum alimento. Panelas vazias, lavouras destruídas, água imprópria para beber sendo utilizada -quando existe. Agricultores, chefes de família desempregados e desorientados, pois a visão da penúria dos seus leva-os a essa situação e, ainda, outros fatos chocantes da mesma natureza. Em face disso, começou a haver saques a depósitos de merenda escolar, armazéns, supermercados etc. É a fome falando mais alto! E a fome não é boa conselheira!

Aqueles pobres indivíduos desesperados, que de algum modo teriam que obter alimento para que suas famílias não viessem a perecer, lançaram-se aos saques.

É fácil de se entender que, em momentos como esse, arruaceiros, incitadores, políticos profissionais mal-intencionados levam, aos grandes grupos desesperados, palavras de ordem, instigações à ação violenta para obterem aquilo que lhes é necessário, visando disseminar a anarquia ou tirar do fato dividendos políticos.

A mídia fez também disso exploração, porém as notícias dos vários movimentos fraternos de obtenção de alimento, das caravanas ou de atitudes isoladas que procuram suprir os necessitados, fazendo com que o governo desperte para o problema e passe também a agir, soam como elementos de superação da negatividade apresentada no conteúdo veiculado.

A atitude da mídia, mostrando os desfavorecidos da sorte, lançando apelos através de chamadas comovedoras desperta a solidariedade daqueles que têm tudo para praticá-la, mas que a trazem adormecida por razões as mais diversas, e que em momentos de calamidades públicas são tocados incondicionalmente e se lançam ao trabalho da caridade. E isso é muito válido! Segundo o apóstolo Paulo, "(...) a caridade, expressando amor cristão, deve abranger todas as manifestações de nossa vida".¹

Todo esse trabalho positivo tornasse, no entanto, comprometido a partir do momento em que ela passa a dar mais destaque à violência, ao sexo, aos casos de corrupção, de ações ilegais que enganam os indivíduos sugando-lhes as economias, ao contrabando de tóxicos e armas, ao poder dos delinquentes diante da sociedade ignorando a autoridade constituída etc.

Em 1975, a sociedade já manifestava preocupação com o que era veiculado pela Mídia com relação aos fatores: SEXO E VIOLÊNCIA. Desse modo, realizei uma pesquisa a respeito da influência desses fatores nas

programações, principalmente na TV, embora também existisse o problema no rádio. Essa pesquisa veio a se consubstanciar como minha Tese para obtenção do grau de Livre-Docente. Com seus resultados dados a público, o trabalho foi enviado ao Ministério das Comunicações e o jornal *Estado de São Paulo* publicou matéria de uma página a respeito, comentando a situação naquele momento.

Já se passam vinte e três anos! A situação nesse período agravou-se de maneira acentuada. Hoje, além de todas as formas de manifestação desses fatores avaliadas na programação da época, as informações foram enriquecidas.

Vimos procurando realçar o quanto pode ser útil e benemérita a ação da mídia, valendo-nos, para tanto, de exemplos atuais. Mas temos que reconhecer que momentos difíceis se nos apresentam hoje, quando o mal é realçado, propagado e difundido através dos meios que têm por missão informar e esclarecer.

Esconde-se ou pouca importância se dá ao bem, aos bons exemplos, ao desenvolvimento das ações beneméritas, à caridade e à fraternidade. O realce é sempre à violência, ao sexo, às atitudes estranhas à moral, ao incentivo do egoísmo, da vaidade e da maledicência. Esse é o caminho mais comum que orienta os meios de comunicação de massa. Apela-se para o materialismo, induz-se ao afastamento de uma vida singela que se pautaria pelo bem, para colocar o Homem em situações difíceis de desorientação, aflições e angústias.

É preciso que venhamos a reagir!

O bem não se encontra abalado nem ofuscado pelas ações do mal. O que existe é um posicionamento inadmissível em divulgar e propagar o mal em detrimento do bem.

Emmanuel nos lembra: *“A fonte, quando tocada de lama, jamais se dá por vencida. Acolhe os detritos no próprio seio e, continuando a fluir, transforma-os em bênçãos, no curso de suas águas que prosseguem correndo, com brandura e humildade, para benefício de todos”*.²

Não podemos, em absoluto, deixar de manifestar nosso pesar quando encontramos sucessivas matérias, que se tornam verdadeiras campanhas em sentido contrário à defesa da vida e da família, publicadas em revistas e jornais de grande penetração e de tiragem de âmbito nacional.

Em programas televisivos, a **família** também vem sendo menosprezada e desvalorizada freqüentemente, em alguns casos mostrada como algo ultrapassado e, às vezes, até mesmo ressaltando nela aspectos negativos em que o individual é tolhido e prejudicado pelo grupo familiar. São reportagens que apresentam quase sempre jovens buscando mostrar como foi interessante se desligar do jugo familiar para viver **só**, omitindo, no entanto, as práticas negativas que se instalaram em vários desses casos, mas apenas realçando aspectos de **melhoria pessoal**. As telenovelas, os filmes, as séries, os seriados exploram, constantemente, apenas os aspectos negativos da vida familiar, dificilmente fazendo a apologia de suas vantagens e de sua necessidade.

O sexo - dádiva de Deus aos homens para garantir com a procriação a sobrevivência da espécie, os resgates individuais e a evolução - é também subvertido pela mídia. Não pretendemos aqui nos colocar na defesa da proibição e da abstinência, mas da necessidade da educação e da sua prática digna e respeitosa. Da mesma maneira nos contrapomos à irresponsabilidade do impulso livre, da indisciplina e propugnamos pela responsabilidade e pelo controle. A todo instante, a programação da televisão apresenta cenas de sexo

explícito, por vezes até violentas, com práticas fundadas em perversão, com o completo desvirtuamento do importante papel e da elevação com que o sexo deveria ser tratado, fonte que é de integração e amor.

Constantemente, em face da onda de violência marcada por assaltos, seqüestros e crimes das mais variadas espécies, do domínio das grandes cidades pelo tóxico e a conseqüente luta pela sua exploração que vai estendendo seus tentáculos a cidades menores, o **apelo à pena de morte** é revivido e intensificado. Até campanhas políticas são desenvolvidas com apoio em *slogans* ou motes buscando o suporte do tema. Ora, de sã consciência não se pode defender a pena de morte, uma vez que o seu cumprimento se constitui na punição de um crime com outro que, além do mais, é praticado de forma oficialmente premeditada.

Sob os mais variados motivos, movimentos que se intitulam como de valorização ou defesa da mulher, da fome, da terra, da moradia voltam a reivindicar a legalização do **aborto**. Usa-se o noticiário internacional, onde em certos países o nefasto crime contra a vida é legalizado - ou aceito - como ponto de apoio e incentivo a semelhantes campanhas em âmbito nacional. Quando cenas são veiculadas com absurdos como os que foram mostrados em quase todos os nossos telejornais, onde um pseudofarmacêutico do interior ministrava remédios e realizava abortos em jovens do local, e até mesmo em visitantes atraídas pela facilidade, nenhum comentário crítico-educativo foi apresentado. Fica-se, assim, devendo à sociedade o alerta de que o aborto é crime?! Crime, sim! E contra seres indefesos. Seres que, como qualquer um de nós, têm direito à vida, direito esse conferido pela Declaração de Direitos Humanos.

Outro aspecto também tratado sem a devida responsabilidade é o da eutanásia. Extensa matéria foi publicada em conceituada revista de grande tiragem nacional defendendo a **Morte digna**, como foi chamada. Uma verdadeira pregação justificada e **indutora da eutanásia** na qual se chegou mesmo ao desplante de usar a agonia de Jesus como elemento de apoio. A análise de vários casos a respeito de pessoas ilustres, os comentários materialistas ao sentindo da dor procuram apresentar a ação criminosa que a eutanásia representa como algo digno, como a melhor solução. Isso é apenas um extrato daquilo que tem sido tratado por revistas e jornais de grande circulação no País, e também pela televisão - que há pouco mostrou *in totum* o ato sendo praticado - no sentido de enfatizar a possibilidade de uso de tal prática. Nessa hora, convém lembrarmos São Luís, quando nos recomenda: *“Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro.”* ³

Dessa forma, o que estamos vendo é uma mídia desinteressada pela propagação do bem, dos bons exemplos, da moral, da crítica e do alerta. É o culto de falsos valores, a indução ao erro, a exploração de todas as formas de perversão, crimes, imoralidades e desvios para, sob a capa do sensacionalismo de um lado, ou da razão crítica e orientação do outro, obter maior número de leitores ou espectadores.

Isso nos remete ao livro ‘Trilhas da Libertação’, ditado pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda a Divaldo Pereira Franco, onde se lê que o Gênio das Trevas, que acabava de ser escolhido, apresentou um Plano de Ação contra a Humanidade baseando suas diretrizes em “quatro legítimas verdades”: no sexo que se compraz apenas no prazer; no narcisismo, que diz ser filho predileto do orgulho e do egoísmo; no poder; e, finalmente, no dinheiro. E é em cima desses elementos que anda rondando a mídia diariamente, sem se

preocupar com as conseqüências que isso poderá acarretar.

A própria linguagem usada nos programas de rádio e televisão, bem como nos jornais e nas revistas, é, muitas vezes, violenta e desnecessariamente comprometida pela inserção de palavras grosseiras, que ferem os padrões éticos e morais da sociedade em geral, tornando essa linguagem imprópria e prejudicial às crianças, aos adolescentes em formação, bem como àqueles que não tiveram suas oportunidades educacionais garantidas.

É preciso ressaltar que não há hora para que esse tipo de transmissão entre em nossas casas. Ela é realizada livremente, em qualquer horário. Também nas bancas de jornais encontram-se estampadas tais matérias - fotos e manchetes - pelas ruas da cidade.

A luta por IBOPE levou ao surgimento de programas televisivos em que se exploram a miséria ou as deformações humanas, mostram-se ou instigam-se conflitos interpessoais, culminando muitas vezes com agressões físicas. Veiculam-se, assim, programas em que pessoas realizam tarefas humilhantes na busca de prêmios etc.

O verdadeiro escopo do meio, funcionar como um canal de educação e cultura - como prescrito em Lei e definido nas condições de concessão no caso das emissoras de rádio e televisão - não é respeitado. A mídia, em vez disso, vem-se transformando em perigoso agente de propagação da violência, do crime e da dissolução de costumes. Em vez de educar, deseduca as massas. É preciso destacar que existem exceções. São poucas, mas, como mostramos no início desse trabalho, de **imenso valor**.

Nossos irmãos mais jovens continuam a ser impactados e influenciados por este tipo de conteúdo prejudicial, e a Lei que disciplinaria o padrão dessas transmissões que invadem os lares de nosso País com todo esse arsenal de cenas, diálogos, imagens, enfim, com toda a sorte de meios que a transmissão da imagem e do som permite, arrasta-se no Congresso, não tendo recebido a devida regulamentação prevista na Constituição em vigor.

A fiscalização das concessões não se faz sentir. Há liberdade de a tudo se permitir. É preciso se atentar para o fato de que para um povo tão necessitado de instrução e educação, como o nosso, não se pode abrir mão da efetiva participação de todos os meios. Se aos meios de comunicação de massa é reservada por Lei a participação no processo cultural e educativo ela deve ser cobrada pelos governantes e pelas elites representativas dos diferentes segmentos da sociedade.

Por que o governo é tão desligado ou permissivo a respeito? Se aqueles que perderam, total ou parcialmente, seu compromisso com o bem comum, com a responsabilidade perante a sociedade, com sua própria consciência e com a consciência coletiva, usando para isso argumentos que estão pautados na liberdade de imprensa, na liberdade de pensamento e na liberdade cultural devemos contrapor exigindo em nome da responsabilidade social que o meio possui, da sua missão e das limitações legais que desempenhe um papel agregador, integrador e não que funcione como elemento de dissolução dos costumes e da moral.

Será que a mídia não foi capaz de assimilar o alcance do término da censura? Entendeu-a como se a partir daí dá-se margem ao vale-tudo?

É preciso que o clamor popular se faça sentir no sentido de cobrir abusos. Alguns educadores, quando instados a responder sobre como agir diante do caso dessas transgressões pela televisão, respondem: simplesmente desligando o aparelho quando essas ocorrências se façam sentir. Mas, será

assim tão simples a solução? Quantos não desligam os aparelhos? Quantas televisões estarão ligadas na ausência dos pais por crianças e adolescentes? Entendemos que tudo é problema de educação, de formação da família em geral, portanto...

De nossa parte, como espectadores, ouvintes ou leitores, cumpre que façamos nossa seleção prévia, para que programas dessa natureza ou periódicos que nesse sentido insistam sejam impedidos de penetrar em nossos lares, pois os pensamentos que deles podem ser gerados, e o conseqüente ambiente formado só irão nos trazer prejuízos.

Consideramos, ainda, que não basta uma seleção. A família tem papel preponderante na educação, na orientação dos jovens e cabe principalmente aos pais a obrigação de, diante do acúmulo de informações que bombardeiam o nosso dia-a-dia, encontrar sempre a oportunidade de conversar com seus filhos, trocar idéias, mostrar o lado bom e o lado adverso das coisas, enfim, esclarecê-los para que eles mesmos saibam selecionar aquilo que mais lhes convém, para uma vida digna e proveitosa. Ao sanear nossos lares, repudiando, dessa forma, os abusos, a irresponsabilidade e a ação perniciosa da mídia, estaremos contribuindo como geradores de um grupo de pressão que poderá vir a mudar a situação vigente.

Não gostaríamos de passar a impressão de que somos ferrenhos opositores da mídia. Pelo contrário! Consideramos a mídia imprescindível ao progresso, reconhecemos seu papel preponderante junto à sociedade, nos mais diversos sentidos. E ao mesmo tempo, sentimos a transição por que passa a Humanidade, colocando em dúvida valores já aceitos e reconhecidos, ou substituindo-os por outros.

A partir do momento em que cada um de nós procurar exercer seu papel na sociedade com responsabilidade, dentro das normas da moral e da ética, respeitando nossos semelhantes, valorizando a fraternidade, estaremos aptos a contribuir com o desenvolvimento da harmonia que deve presidir ao relacionamento humano. E a mídia estará, certamente, contribuindo para tanto com seu imenso potencial, difundindo cultura e educação, em seu sentido mais amplo! ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão Nosso*. Ditado pelo Espírito Emmanuel. 17ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1996. p.73.
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*. Ditado pelo Espírito Emmanuel. 21ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1997. p. 86.
3. KARDEC, Allan. Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura? *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 114ª ed. Trad. de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro, FEB, 1997 p. 125.

Américo de Oliveira Borges

ANTONIO LUCENA

Desencarnou, às 10 horas da manhã do dia 31 de maio de 1998, na Casa de Saúde “Santa Mônica”, em Niterói, o confrade Américo de Oliveira Borges. O enterro do seu corpo ocorreu no Cemitério da Colina, na mesma cidade, às 11 horas do dia seguinte, com grande acompanhamento. Antes da saída do féretro, seu companheiro de lides espíritistas, Dr. Alberto de Souza Rocha, recordou a vida e a obra do saudoso amigo.

No decênio de 70, participou de um programa na TV-Rio - “O Despertar dos Magos”- e durante 17 anos apresentou pela Rádio Rio de Janeiro dois programas: um evangélico-doutrinário e outro científico, com a comprovação da sobrevivência da alma. Colaborou em diversos órgãos da imprensa espírita. Passou a freqüentar a SEP (Sociedade de Estudo e Pesquisas Espíritas), fundada pelo médico Dr. Randolpho Pena Ribas, em 1957, na cidade de Niterói. Com o Dr. Alberto de Souza Rocha, fundou o Grupo Espírita “Irmã Scheilla” e, em 1980, criou o Grupo de Estudos Espíritas “Pax in Universus”, que, posteriormente, tomou a denominação de Centro Espírita “Roberto Amaro Lima de Barros”, onde com sua esposa realizou um programa de estudo de grande afluência. D. Luiza fundou uma Creche para recém-nascidos que, com a sua desencarnação, tomou o nome de Creche Vovó Luiza.

Participou Américo Borges de uma coluna permanente no *Informativo Scheila* e, em 1970, foi agraciado com o título de Cidadão Fluminense, pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio.

Em 1980 assumiu a Presidência da ABRAJEE - Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas - e, logo depois, foi eleito Presidente do ICEB - Instituto de Cultura Espírita do Brasil. Participou do 5º ao 9º Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas. Foi quem solicitou ao Conselho Federativo Nacional a integração da ABRAJEE no órgão máximo da Unificação Espírita, o que se concretizou na reunião ordinária do CFN realizada no período de 4 a 6 de novembro de 1988. Fez-se presente, ativamente, com Abstal Loureiro, no Congresso Internacional de Espiritismo/89, em Brasília (DF). Palestrante dos mais solicitados, viajou a diversos Estados a serviço do Espiritismo.

Américo de Oliveira Borges era advogado e professor, tendo fundado um Curso de Línguas, em Niterói - o IEOB - chegando a ter duas filiais no Rio, uma no Edifício Avenida Central e outra em Copacabana. Hoje o Curso está sob a direção de sua filha Selma Borges Farias.

Juntamente com Deolindo Amorim, Antônio Paiva Melo e um grupo de confrades dos mais conhecidos no Movimento Espírita, foi um dos fundadores da ABRAJEE, no 6º Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, realizado em Brasília, em abril de 1976.

Américo de Oliveira Borges nasceu no dia 6 de abril de 1930, em Salvador. Foi o terceiro filho (caçula) de Antônio de Oliveira Borges e D. Minervina Coelho Borges.

Realizou todos os seus estudos em Salvador, o primário no tradicional Instituto Educativo Brasileiro, o ginásio e o clássico no Instituto Isaías Alves, matriculando-se em seguida na Faculdade de Direito da Bahia, diplomando-se em advocacia na turma de 1952.

Aos 18 anos, fez um teste para locutor da Rádio Excelsior da Bahia. Foi o

seu primeiro emprego. Depois, foi funcionário do Banco da Bahia e, aos 22 anos, transferiu-se para Recife, assumindo um cargo de Chefia na VARIG.

Ainda como universitário, casou-se com Luiza Cruz Borges, em 1949, que era grande pianista. Tiveram cinco filhos: Selma, Áurea, Paulo, Talma e Telmo.

Coração magnânimo, dedicou-se à assistência aos necessitados. Por algum tempo auxiliou a obra de Leopoldo Machado e Marília Barbosa, o Lar de Jesus, em Nova Iguaçu, além de tantas outras Casas Assistenciais.

Américo de Oliveira Borges era dedicado também ao estudo da Parapsicologia e manteve contato com diversos estudiosos do Exterior. Foi um dos responsáveis pela divulgação do 2º Congresso Internacional de Transcomunicação Instrumental, realizado em 1992, na Capital do Estado de São Paulo.

Ao fiel discípulo das verdades espíritas, que perseverou no Bem, no Amor ao Próximo, lutando pela realização de um Mundo Melhor, a nossa homenagem, rogando a Deus e a Jesus iluminem sua nova trajetória na Espiritualidade. ■

Não Esqueça as Fontes

GERALDO CAMPETTI SOBRINHO

Ao redigir um texto para livro ou periódico, é importante que o autor se lembre de fazer as devidas anotações das fontes consultadas e citadas em seu trabalho.

O registro das fontes de onde se extraíram informações para fundamentação conceitual, argumentação de idéias, oposição a teorias já expostas anteriormente é tão importante quanto o desenvolvimento do próprio assunto.

A organização do texto com as indicações das referências bibliográficas consultadas, ou de cujas fontes foram retiradas informações, oferece um caráter de cientificidade ao documento, fundamental para seriedade do trabalho apresentado.

O autor que está interessado em tornar público o seu texto deve considerar essas questões de normalização técnica em alto grau de importância, mesmo porque o que se escreve é para os outros lerem e não exclusivamente para satisfação do escritor.

Apresentamos a você, prezado leitor, que gosta não só de ler, mas também de escrever, algumas sugestões de como trabalhar com os aspectos principais dessa área da documentação, sem maiores dificuldades.

CITAÇÃO

A citação é a menção no texto de uma informação extraída de outra fonte, seja livro, folheto, periódico ou outra qualquer.

A citação pode ser realizada de duas formas: direta (transcrição textual *ipsis literis*) e indireta (utilização de idéias de outro autor).

A fidedignidade ao texto citado deve ser preservada, fazendo-se apenas a correção de eventuais erros tipográficos.

As aspas duplas são utilizadas para destacar os trechos citados, e as aspas simples quando ocorre a inserção de uma citação em outra.

A composição dos trechos que superam a cinco linhas deve ser feita com recuo em relação à margem esquerda, e em tipo menor que o do restante do texto. Para os artigos de periódicos, considerando-se a formatação utilizada, os editores poderão optar em destacar o texto citado, adotando-se um tipo menor de fonte ou apenas a inclusão das aspas.

As omissões feitas em um texto citado são indicadas por reticências entre parênteses (...) e as interpolações, por colchetes [].

Caso exista algum erro ou impropriedade, emprega-se em seguida ao texto citado, entre colchetes, a palavra latina [*sic*], que significa como impresso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A referência bibliográfica é um conjunto de elementos que permitem a identificação, no todo ou em parte, de documentos impressos ou registrados em diversos tipos de material.

Quando a citação de uma obra é realizada pela primeira vez, a sua referência bibliográfica deve ser completa.

Ex: PEREIRA, Yvonne A. *A Voz do Consolador*, 2, ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

As iniciais das palavras que compõem o título estão em maiúsculas, objetivando manter o padrão editorial adotado pela FEB. Não há obrigatoriedade deste procedimento, excetuando-se a primeira letra da primeira palavra e os nomes próprios.

A referência bibliográfica de uma obra mediúnica é feita assim:

XAVIER, Francisco Cândido, *A Caminho da Luz: história da civilização à luz do Espiritismo*. Ditada pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. Rio [de Janeiro]; FEB, 1994.

Cabe aqui uma explicação. Qualquer informação incluída em uma referência bibliográfica não extraída da folha de rosto, que se constitui no principal elemento de informações para a referência, deve ser citada entre colchetes. Portanto, para os livros editados pela FEB que não trazem o local de publicação “Rio de Janeiro”, mas apenas “Rio”, é necessário que se anote assim: Rio [de Janeiro]. Os novos lançamentos da editora já estão trazendo a catalogação na fonte, incluindo o local por completo. Em tais casos, dispensam-se os colchetes.

Sugerimos que a entrada da referência seja feita pelo médium para efeito de simplificação e cite-se, posteriormente, “pelo Espírito tal”.

A expressão latina *Opus citatum* (obra citada), na forma abreviada Op. cit., será incluída após o nome do autor sempre que uma obra for citada mais de uma vez, desde que não haja intercalações de outras publicações do mesmo autor.

Para obras diferentes de um mesmo autor já referenciado em nota imediatamente anterior, usa-se o termo latido *Id.* (mesmo autor), de forma abreviada, seguido do título e demais elementos da referência.

Ex: *Id. Religião dos Espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio [de Janeiro]: FEB. 1993, p.29.

Quando se vai citar novamente a mesma obra do mesmo autor e sendo esta citação imediatamente posterior, na mesma página ou em página não distante, emprega-se a expressão latina *Id. Ibid.* (mesmo autor e mesma obra), na forma abreviada.

Ex: Na mesma página: *Id. Ibid.*: em página diferente da citada: *Id. Ibid.*, p. 195.

É importante ainda saber que a referência bibliográfica pode aparecer em nota de rodapé ou fim de texto.

NOTAS

Notas são informações ou observações acrescentadas ao texto, seja no rodapé da página, no final do artigo/capítulo, ou em seção especial no final da obra.

Elas têm como objetivos:

- indicar as fontes da citação por meio das referências bibliográficas;
- completar as referências indicadas no texto;
- apresentar esclarecimentos e comentários do autor ou do editor. Geralmente, esta última vem seguida da abreviatura N.E. no final da nota;
- remeter o leitor a outros documentos ou a outra parte do próprio

texto. São notas remissivas, indicadas com a abreviatura Cf. (conferir) Cfr (confrontar) e V. (ver. ver também);

- traduzir texto de língua estrangeira ou indicar que a tradução foi feita pelo próprio autor da obra. São as N.T. (notas de tradução).

A indicação das notas pode ser realizada por meio de numeração seqüencial, com os números registrados em sobrescrito, fonte menor - os editores de texto em computador já executam tais procedimentos automaticamente - precedendo ou não o sinal de pontuação que fecha o texto.

Outros sinais como asteriscos, letras e números romanos em minúsculos podem indicar as notas, preferencialmente as de rodapé, sendo que os respectivos símbolos deverão ser repetidos no rodapé da página.

A chamada para a nota em textos acadêmicos, geralmente no tópico de um projeto de pesquisa denominado *revisão de literatura*, é feita pela citação do nome principal do autor, o sobrenome, seguida do ano de publicação da obra.

Quando a citação é *ipsis litteris*, o nome e o ano serão registrados entre parênteses, após o trecho citado. Ex: (Miranda, 1994).

Em caso de citação mais livre, normalmente iniciada pelo autor citado, recomenda-se o registro do nome e, logo após, o ano entre parênteses, antecedendo o trecho a ser citado. Ex.: Miranda (1994) informa sobre o assunto que “(...)”.

Para os textos da literatura espírita, sugerimos que se faça a indicação numérica, pela simplicidade que ela oferece.

ALGUMAS DICAS IMPORTANTES

p ou pp?

Não há necessidade de duplicação do p na identificação do número de páginas ou intervalo das páginas referenciadas:

Exemplos errados: 150pp; pp. 8-15.

Exemplos certos: 150p; p. 8-15.

O “azinho” da edição

Citar a edição de um livro é muito fácil. Basta colocar o número da edição seguido de ponto e da abreviatura ed. Exemplos: 2.ed.; 3.ed.; 4.ed.; 5.ed.; 10.ed...

O azinho é dispensável e incorreto.

Em tempo: não se deve citar a primeira edição (1.ed). Quando inexistente especificação do número da edição, subentende-se que é a primeira.

Não abuse do *In*

O termo latino **In** só deve ser usado quando se está referenciando um capítulo de um livro redigido por autor que não é o autor de toda a obra. É o caso de obras compiladas ou organizadas por um pesquisador que reúne trabalhos redigidos por vários autores. Se vamos referenciar um capítulo nesta situação, devemos citar o autor e o título do capítulo seguidos do termo **In**, em destaque, e dois pontos (**In:**). Aí sim, fazemos a referência da obra como um todo, citando-se, ao **final**, a(s) página(s) específica(s) do capítulo referenciado.

Todavia, é bom saber que esses casos são raros na literatura espírita.

O mais discreto

O destaque dos títulos e das expressões ou termos latinos podem ser em *itálico*, **negrito** ou sublinhado. Recomendamos o uso do *itálico*. Ele é mais discreto. Por favor, nada de usar mais de um destaque ao mesmo tempo.

*

Amigo leitor, desculpe-me. Esqueci as notas deste artigo. ■

Aos Colaboradores de *REFORMADOR*

A partir de janeiro de 1999 adotaremos os critérios sugeridos no artigo supra - *Não Esqueça as Fontes*.

Solicitamos aos colaboradores de REFORMADOR que, na medida do possível, adotem em seus textos os referidos critérios.

A Nossa Pompéia Interior

GERUSA MONTEIRO

Estávamos ali, em Pompéia, finalmente.

O ar morno e o odor sulfúreo das águas faziam-nos lembrar da tragédia, ocorrida precisamente no ano 79 da Era Cristã.

Caminhávamos, vendo as fontes naturais regurgitando a céu aberto e deixando as águas fluírem, mansamente, dos buracos e fendas, onde pedras enormes formavam aglomerados imensos.

Estávamos ali para lembrar. Deixar ressurgir da nossa mente os momentos mais tristes já vividos por nós.

Embora tão longínquos no tempo, os fatos permaneciam gravados na retina e no espírito.

Salientávamos ser preciso, às vezes, a revivescência das lembranças trágicas do ontem para apurar as dificuldades do hoje.

A memória registra, indelevelmente, cada momento vivido, cada acontecimento de existências passadas, e depois basta um sinal ou um elo, para serem despertados.

Embora tenham sido grandes a tristeza e a angústia por nós vividas e pelos outros que até hoje nos acompanham os passos, sentimos que muita poeira já passou também sobre nossos corpos paupérrimos, deixando-nos profundamente marcados para sempre.

De repente, olhando a paisagem e como se um filme passasse diante dos nossos olhos, sentimos reviver os momentos terríveis do medo e da solidão... da angústia e do desespero...

Mortes e gritos horrorizados víamos e ouvíamos a todo instante.

Pessoas, aos milhares, correndo sem rumo e sem direção, tentando resolver o que não podiam...

E além das inúmeras famílias que gritavam de desespero e separavam-se desarvoradas, víamos crianças sozinhas, cada uma mais indefesa que a outra, a cada canto das ruas, sem saberem o que fazer ou para onde ir, enquanto seus gritinhos ecoavam em nossos ouvidos, quais ecos que não esqueceremos jamais.

Surgiam a todo instante pessoas dos escombros e da catástrofe generalizada...

Engolfavam a terra todos aqueles que corriam em direção a lugar nenhum...

E parecia não ter fim a tragédia que se desenrolava diante dos nossos olhos e das nossas mãos indefesas...

Não podíamos fazer nada e não tínhamos para onde ir.

A cidade queimava e ardia em fogo e em labaredas imensas, intransponíveis.

O cheiro forte do enxofre que vomitava das fendas da terra e das ruas destruídas sufocava aqueles que não queriam fugir, tentando salvar seus pertences, como se naquele momento tão trágico, alguma coisa material tivesse maior importância do que a própria vida.

Enclausurados nas prisões, os homens seminus gritavam maldições e ouvíamos os desesperados gritos através das grades minúsculas das janelas.

De repente, um estrondo ensurdecedor soou pelos ares, arrebatando a prisão e dizimando a muitos, além da lava incandescente a engolir seus corpos esqueléticos e famintos.

Horrorizados e loucos gritavam, pelas ruas em chamas, tomados pelo vapor que destruía a pele e pela fumaça cinzenta que não poupava nada, alquebrando as últimas resistências dos velhos que teimavam em correr, procurando, inutilmente, os familiares desaparecidos.

Ouvíamos estrondos ao longe e mais rios de fumaça a vomitar da garganta da terra enfurecida.

Vagávamos, sem rumo, pelos estreitos caminhos e vielas que encontrávamos, pedindo ao bom Deus nos protegesse dos horrores caídos sobre a cidade de Pompéia.

O tempo parecia não passar... O dia tornara-se noite e, já quase desfalecidos, encontramos uma nesga na rocha quente e incandescente e por ali embrenhamos, dispostos a salvar as crianças que estavam junto a nós e nos nossos braços, dispostos a tudo enfrentar, mesmo sabendo que ali poderia ser, como foi, o fim dos nossos dias.

Ajeitamos todos eles com vagar, procurando os lugares menos atingidos pelas chamas e deitamos os pequeninos, quase em completo desfalecimento de forças; e os deixamos dormir, com alguns soluçando um choro contido, com saudade dos pais e por estarem longe e completamente perdidos...

E ali ficamos, sem saber ao certo quanto tempo, escutando, lá e acolá, os barulhos e os gritos que pipocavam ao longe, deixando-nos profundamente amargurados e impotentes para fazer alguma coisa pelos outros.

No entanto, vigorava em nosso pensamento e em nosso espírito uma força muito grande de saber confiar e esperar na Providência Divina.

Saberia ela dar os rumos certos para os nossos passos.

E ajoelhamos na terra quente e abafada, com as mãos postas e unidas, olhando o céu enfumaçado através de uma pequena fresta no teto da caverna e oramos ao Deus Onipotente, pedindo-lhe proteção. Depois não vimos nem sentimos mais nada, a não ser um leve torpor.

*

Tudo e toda a nossa vida, de repente, num átimo de segundo, passava na nossa mente, afogueada também pelos últimos acontecimentos.

Recordávamos, então, as singelas caminhadas nos montes enfeitados de relva verdejante e cores opalinas no horizonte, ao cair do crepúsculo.

As crianças cantavam e brincavam ao som dos alaúdes e da música encantada.

E, em instantes, com um furor inaudito que tudo destrói, a força da Natureza que o homem não contém.

A lava... a fome... a morte... a ceifa das vidas e dos homens e a nossa impotência diante dos acontecimentos trágicos, através da Mãe Natureza... abençoada e divina.

E os momentos de reflexão dentro da caverna do nosso "eu", reencontrando a força necessária e firme para recomeçar e aguardar o tempo certo da bonança e do refrigério.

Somos, muitas vezes, sacudidos pelos vulcões da nossa Pompéia Interior, regurgitando a lava fumegante dos nossos erros e vícios, a exigir a

reconstrução difícil do nosso coração enfermo e em chamas, tão apegado aos bens da Terra.

Regurgita essa Pompéia, reclamando de nós a posição firme de saber entender e aceitar com humildade as contrariedades e as dificuldades trágicas da vida, para uma reconstrução dos nossos atos e dos nossos elos partidos ao longo do caminho, além da afetividade e do amor adormecido dentro de nós.

Vomita essa Pompéia, o egoísmo e o orgulho e todo o seu séquito de imperfeições, enclausurados dentro do ego vaidoso, para serem dizimados e destruídos, reconstruindo a vida afetiva, fraternal e amorosa com todos aqueles que já compreendem essa transformação que se faz necessária.

Saibamos olhar essa lava incandescente que nos esfacela no chão, destruindo as nossas barreiras preconceituosas, como um símbolo de libertação e de um novo recomeço.

Como das cinzas renascem a relva e a flor, bela e singela, saibamos renascer também para embelezar e ajudar na reconstrução da vida das pessoas e de todos aqueles que caminham ao nosso lado, como sobreviventes daquela transformação que se fez presente, ontem, em Pompéia, e hoje, como ativos participantes na evolução, necessária e enriquecedora, para o constante amadurecimento do nosso espírito eterno. ■

Pátria Sagrada

MÁRIO FRIGÉRI

“Nos últimos dias, Deus corrigirá muitas nações. Elas converterão suas espadas em relhas de arado e suas lanças em podadeiras. E nunca mais aprenderão a guerra”. Isaías. (11:2-4)

Tanto te amo, Brasil, nem sei o quanto...
Só sei que és puro amor aos olhos meus;
Ao contemplar teu mapa vem-me o pranto,
Por ver um coração nos traços teus.

És neste mundo o ninho augusto e santo
De um Povo de milhões de cireneus,
Que sofre e luta e luta e sofre tanto,
Mas se transforma em luz nas mãos de Deus!

E ante a fúria marcial que assola a Terra,
Sei que fazes também armas de guerra,
Nas indústrias da morte, tão hostis.

Mas creio em Deus, na Sua profecia,
De que serás, no derradeiro dia,
Desarmada Nação - Nação feliz! ■

REFORMADOR de Ontem, Ensino para Hoje!

A Humildade do Médium

INDALÍCIO MENDES

Uma das preocupações do médium verdadeiramente ciente de sua função na vida terrena deve ser a do serviço dedicado e desinteressado ao próximo. Tem ele diante de si enormes possibilidades para realizar integralmente grandes e produtivas tarefas, desde que se mostre dócil aos ensinamentos de Mais Alto e devotado à exemplificação sincera da Doutrina Espírita. Quer no trato mediúnico, quer fora dele, o médium está envolto em crescentes responsabilidades e tem de dar de si, sem querer nada para si, sem querer nada para si. Exemplifica o mais que pode os princípios doutrinários do Espiritismo, tendo em mente estas palavras do Codificador: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para dominar suas inclinações más”. São ainda de Allan Kardec estas palavras, insertas em “O Evangelho segundo o Espiritismo”: “O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam”.

Uma das mais belas evidências de compreensão espírita é a que dão os médiuns que jamais mercantilizaram sua mediunidade. Por mais modestos e humildes que sejam, possuem a alta dignidade de preservar seus recursos mediúnicos das nódoas da profissionalização. E, sendo paupérrimos de pecúnia, são miliardários de virtude, porque realizam seus trabalhos com a maior dedicação, aceitando os sacrifícios muitas vezes pesados dos encargos com construtiva resignação. Desse modo, realizam soberba e emocionante exemplificação evangélica.

*

Para muitas pessoas pouco atentas ou superficiais, ser humilde é o mesmo que ser passivo e abúlico, incapaz de uma reação salutar contra o mal, contra os abusos multiformes, contra quaisquer excessos danosos. Semelhante maneira de pensar demonstra apenas incompreensão quanto à legítima definição da humildade, dentro da conceituação espírita. Ser humilde é ser brando, pacífico, paciente, discreto, comedido, ponderado. A humildade não recusa a energia oportuna, porque é possível ser enérgico sem transpor as limitações evangélicas. Ser humilde é revelar esclarecida tolerância, não fechar os olhos ao mal para parecer bom. A energia bem empregada pode estimular o faltoso a corrigir-se e recuperar-se moralmente. Se a humildade permanecesse rastejante ou se embrenhasse nas matas da adulação, seria servilismo. Convém não confundir uma com o outro. O espírita não deverá jamais ser servil, do contrário não será realmente espírita. Todavia, deverá ser humilde e compreensivo. Nem a tolerância importa na concordância com o mal nem na desculpa sistemática aos contumazes no erro e no vício. Se assim fora, a tolerância se transformaria em conivência, embora involuntária.

*

A humildade, tal como a compreendemos, é tudo isto; bondade, compreensão, indulgência, misericórdia, paciência, solidariedade, discricção, caridade e amor; capacidade de esclarecer, possibilidade de orientar, disposição para perdoar, deliberação para servir e amparar, sobrepondo-se a preconceitos ridículos e a susceptibilidades tolas; preparação para salvar, se possível. Essa, a nosso ver, é a humildade, que se desdobra e se desenvolve em todos esses nobres atributos do caráter humano. Um espírita sem humildade será como um corpo sem alma. Convém, no entanto, distinguir bem o conceito espírita da humildade com o conceito vulgar, que anda por aí. O humilde não é um fraco, mais um forte. Só os fortes de espírito podem ser brandos, pacientes e serenos. Não é fácil ser humilde. Mas fácil é aparentar humildade. Basta, porém, algo sério para destruir essa simulada humildade. A característica dos fracos de espírito é a incapacidade de ser humilde. Então, a violência, a intolerância freqüente, a altivez arrogante, que mascara o orgulho, e a revolta, que marca o caráter da vaidade insatisfeita, revelam a verdadeira personalidade do indivíduo que se julga forte, embora, na realidade, seja fraco. A verdadeira humildade desconhece a insolência, porque é sempre pacífica. Em vez de recorrer à violência, emprega, quando necessário, a energia sã que só os brandos de coração podem possuir. No próprio Evangelho, deixou Jesus a demonstração impressionantemente convincente do seu dinamismo e da sua coragem, da sua brandura inigualável e da sua coragem sem par, da sua energia espantosa e da sua bondade ilimitada. Foi um fraco? Em absoluto. Sua força tem sido tanta que, atravessando séculos e séculos, continuará a se projetar pela eternidade do mundo. Não há nada que impeça o espírita de reagir contra o mal. O que se estabelece é que o espírita saiba dirigir essa reação. Em vez de se dar muita atenção à letra, é mister atentar mais para o espírito, “porquanto a letra mata e o espírito vivifica”. “Não é possível que Jesus haja proibido se profligue o mal, uma vez que ele próprio nos deu o exemplo, tendo-o feito, até, em termos enérgicos. O que quis significar é que a autoridade para censurar está na razão direta da autoridade moral daquele que censura. Tornar-se alguém culpado daquilo que condena noutrem é abdicar dessa autoridade, é privar-se do direito de repressão. A consciência íntima, ao demais, nega respeito e submissão voluntária àquele que, investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios de cuja aplicação lhe cabe o encargo. **Aos olhos de Deus, uma única autoridade legítima existe: a que se apóia no exemplo que dá do bem.** É o que, igualmente, ressalta das palavras de Jesus”. (“O Evangelho segundo o Espiritismo”, pág. 147).

Se o médium segue a trilha evangélica, está mais perto da realidade espiritual do que aquele que se mantém indiferente ao Evangelho e apenas observa os fatos interessantes do fenomenismo. E um dos sinais mais evidentes da criatura evangelizada é a humildade digna, a humildade que se transmuda na renúncia pela satisfação de ser útil e bom. Nem outra é a função do médium consciente do seu papel no mundo terreno, senão servir, revelando sempre brandura de sentimentos, boa vontade e interesse em suavizar as dores alheias, como se fossem as próprias. Sem vaidade nem excessivos melindres, o médium se tornará mais forte para a execução de suas tarefas, recordando sempre que sua função primordial é servir de instrumento ara que os Espíritos tragam ao mundo os bálsamos de que tanto necessita a Humanidade para curar-se dos males que muito a afligem, males que são muito mais sérios quando afetam o espírito do que quando se denunciam na carne. ■

(Transcrito de REFORMADOR, de maio/58.)

Além da Sepultura!

ISMAEL RAMOS DAS NEVES

Oh! Vós que contemplais a lousa fria,
Onde repousam os corpos, sepultados,
Dos corações queridos que, um dia,
A morte arrebatou, enregelados!...

Transformai em louvor vossa agonia,
E que as flores que ofertastes aos finados
Sejam bênçãos de luz e de alegria,
A se evolvarem no Ilimitado!...

Vossos entes queridos estão vivos,
Pois a alma, além da sepultura,
Alça o vôo glorioso, decisivo,

Nos braços de Jesus, Mestre Bendito,
Agradecendo a Deus, lá nas Alturas,
Extasiada ante o Infinito! ■

REFORMADOR no Centro Espírita

A FEB faz, mensalmente, remessa gratuita de REFORMADOR aos Centros Espíritas de todo o Brasil, quer estejam ou não ligados às respectivas Entidades Federativas estaduais, com base no cadastro que possui.

Para que essa oferta atinja seus objetivos de divulgação da Doutrina e do movimento Espírita, solicitamos aos dirigentes dos Centros Espíritas que façam campanha de assinatura de REFORMADOR junto aos seus freqüentadores.

Espiritismo e Ocultismo

PAULO DE TARSO SÃO THIAGO

Conceitua-se *ocultismo* como a “crença em fenômenos que se julgam produzidos por forças ocultas” ¹, isto é, desconhecidas ou inacessíveis à perquirição humana; ou, ainda, “estudo e/ou prática de artes divinatórias e de fenômenos que *parecem* não poder ser explicados pelas leis naturais...” ² (o grifo é nosso). Os dois conceitos, embora diferentes na forma, são semelhantes na essência. O segundo, ao referir que os fenômenos parecem não poder ser explicados pelas leis naturais, dá a entender que, na realidade, essas leis existem e produzem os fenômenos, ainda que se mantenham desconhecidas.

No âmbito do ocultismo, no sentido mais abrangente, são incluídos fenômenos que podemos classificar em duas categorias fundamentais: 1) aqueles que supostamente não são regidos por leis naturais; 2) os que obedecem às leis da natureza, ainda que desconhecidas da ciência terrena.

Os primeiros, os quais podemos também denominar de *sobrenaturais*, porque se situam acima ou além das leis naturais e aceitos como tais, não fazem parte do verdadeiro ocultismo. Podem ser enquadrados, com mais propriedade, entre os fatos milagrosos. Constituem-se nos chamados *milagres*, endossados pelas grandes religiões do Planeta: Cristianismo, Islamismo, Budismo, entre outras.

A comprovação da ocorrência de milagres é considerada, pela igreja Católica, como condição indispensável à canonização, que eleva quem os pratica à condição de *santo*. O processo de canonização em geral é longo e minucioso e caracteriza-se pelo rigorismo da investigação. Houve alguns casos, porém, na História da Igreja, em que critérios políticos foram o fio condutor da tramitação e sobrepujaram os fatores de ordem ética e religiosa. Como exemplo, podemos citar o caso de São Luís - Luís IX, rei da França (1214-1270) - que organizou e empreendeu as sétima e oitava cruzadas. Pelo que se sabe, não houve “milagres” atribuídos a ele. Além do mais, encabeçar guerras religiosas não é lá atividade que se possa considerar como muito santificante.

Apesar de etimologicamente significarem coisas admiráveis, extraordinárias, milagres, tanto na acepção vulgar como na teológica, são considerados derrogações das leis divinas, autorizadas pelo próprio Criador, com propósitos de demonstrar Seu poder ou chamar a atenção dos incrédulos para a Sua existência. É com esta acepção - “sinal ou manifestação de uma vontade divina”- que os milagres já eram aceitos na Grécia Clássica. Há referência a eles na *Ilíada* e na *Odisséia* de Homero.

O Espiritismo não admite a ocorrência de milagres, vistos sob esta ótica. Fenômenos considerados milagrosos, porque não explicados ou endossados pela Ciência Acadêmica, são na verdade produzidos por forças e leis ainda ignoradas. Diz Kardec, em “A Gênese” (cap. XIII, itens 3 e 13, 35ª edição, 1992, Ed. FEB): “Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da natureza, força que incessantemente atua em concorrência com a força material, o Espiritismo faz que voltem ao rol dos efeitos naturais os que dele haviam saído, porque, como os outros, também tais efeitos se acham sujeitos a leis. (...) A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna mais milagrosos do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das

forças da natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral”.

Alguns filósofos, como Spinoza e Hume, já haviam considerado a ocorrência de milagres, ou como algo desnecessário e inútil à demonstração da magnificência de Deus ou como uma impossibilidade. Dizia Spinoza que, para avaliar a grandiosidade e a onipotência do Criador, não há por que se apelar para hipotéticos feitos milagrosos. Mais extraordinárias que estes feitos são as maravilhas da natureza, do Mundo, do Universo, verdadeiros milagres da Criação.

A segunda categoria de fenômenos, os que resultam de leis desconhecidas, compõe o objeto do *ocultismo, stricto sensu*, ou das *ciências ocultas*, como preferem designá-lo alguns. Esoterismo e hermetismo também podem ser considerados como sinônimos de ocultismo, porque se ocupam das mesmas questões. O esoterismo, contudo, expressa também um segundo significado, um pouco em desuso atualmente, mas que corresponde ao sentido original, o qual propõe que certos conhecimentos devam permanecer restritos a círculos de iniciados, sob o pretexto de que não seriam compreendidos pelo vulgo e acarretariam perturbação, medo e perplexidade. Sabe-se, por vias transversas, e não pela historiografia oficial, que conhecimentos avançados para a época circulavam em meios esotéricos restritos de passadas civilizações, como no Egito dos Faraós, entre sacerdotes e escribas, na mesopotâmia, entre magos caldeus, e na antiga Pérsia.

Costumam ser objeto do ocultismo a astrologia, a magia, a quiromancia, as artes divinatórias, etc.

É inegável que há aspectos de interesse comum entre ciências ocultas e Espiritismo, particularmente no que se refere à abordagem espiritualista da existência humana. Esta simples constatação já é motivo suficiente para que ocultistas, espíritas e espiritualistas de todos os matizes se unam na defesa de idéias comuns, com vistas à neutralização do *materialismo*. Este é doutrina niilista que permeia variados campos do conhecimento, no âmbito da Ciência e da Filosofia. Insiste em afirmar a exclusiva existência da matéria no Universo, a qual estaria na base de todos os eventos. Inteligência, pensamentos, emoções seriam produzidos no cérebro, à semelhança da insulina, que é secretada no pâncreas.

Ora, nós não temos consciência e nem depende de nossa vontade produzir ou deixar de produzir insulina e portanto sermos ou não diabéticos. Da mesma forma, a pautarmo-nos pela ótica materialista, as nossas intenções, o nosso comportamento, as nossas ações não dependeriam da nossa vontade, porque estariam vinculados a processos bioquímicos e fisiológicos do cérebro, os quais são totalmente autônomos. Não existiria livre-arbítrio e o crime não seria passível de sanções.

Apesar das afinidades, é necessário estabelecer claramente as diferenças entre Espiritismo e ciências ocultas, o que não implica absolutamente qualquer tipo de preconceito ou discriminação. O Espiritismo, desde suas origens, em meados do século XIX, tem sido sempre aberto a novas idéias e a novas descobertas. Ele não é estático e nem se cristaliza em torno de um rol de proposições definitivas, exceção feita aos postulados básicos, que consistem na preexistência e sobrevivência do Espírito imortal, na reencarnação, na evolução espiritual incessante, na pluralidade dos mundos habitados e nas leis morais. Afirmara Kardec (“A Gênese”, cap. I, item 55), que a revelação espírita “(...) apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. *As descobertas que a*

Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas idéias que formaram de Deus. (...) Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará". (Grifo no original)

As diferenças entre Espiritismo e ocultismo são de duas ordens: de objetivo e de metodologia.

Quanto ao objetivo, o ocultismo, em suas diversas vertentes, pretende basicamente desvendar fatos e ocorrências inacessíveis aos sentidos ordinários ou situados no futuro, no mais das vezes com finalidades imediatistas ou relacionadas a interesses materiais. Somente secundária e eventualmente, propósitos mais nobres podem estar com ele associados. As pessoas que procuram quiromantes, cartomantes e tarólogos geralmente estão interessadas em saber se vão ser felizes com o parceiro; se o cônjuge lhes é fiel; se as suas condições financeiras vão melhorar; se a enfermidade da sua mãe é curável.

Muitas vezes os "profissionais" acima referidos nada mais são do que médiuns e, como tais, procuram satisfazer seus consulentes, contando com a assistência dos Espíritos. Só que, devido às motivações em pauta e pelo fato de as consultas envolverem pagamento, esses Espíritos quase sempre são inferiores, do ponto de vista evolutivo. Divertem-se com a curiosidade e a boa-fé das pessoas. Passando-se por sábios e utilizando-se de expressões por vezes grandiloqüentes conseguem ser convincentes, apesar das leviandades das afirmativas.

Tratando-se de *percepção extra-sensorial*, atributo a que a Codificação Kardequiana denomina *dupla-vista*, é perfeitamente possível que o diagnóstico exarado possa estar correto, com ou sem a intervenção de Espíritos. Porém, prever o futuro é muito mais complexo e ousamos mesmo afirmar peremptoriamente que ele é inacessível, não só à condição humana, como a entidades desencarnadas com relativo grau de progresso moral e espiritual. O que se pode considerar como plausível é que se tenha maior ou menor probabilidade de acerto das previsões, em função dos fatores e condições envolvidos. O velho aforisma *o futuro a Deus pertence* não deve ser posto à margem, ao se considerar essa questão.

Os objetivos do Espiritismo, por outro lado, são de maior alcance e profundidade. Ainda que lide com categorias de fenômenos semelhantes aos do ocultismo denominados, modernamente de forma genérica, fenômenos *psi*, o primeiro e mais transcendental propósito do Espiritismo é resgate da Doutrina Cristã, em sua pureza primordial. É dinamizar o pensamento original de Jesus, o qual se encontrava obscurecido, camuflado, distorcido por dogmas e doutrinas teológico-filosóficas, que lhe foram sendo acrescentados ao longo dos séculos.

Como resultado desse resgate e seguindo-se, como objetivo que se lhe equipare, o Espiritismo visa a contribuir para a reforma moral e espiritual da Humanidade. Ele pode ser identificado com o Consolador prometido pelo Mestre, por ocasião da última ceia com os apóstolos em Jerusalém: "Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim que fique eternamente convosco: - O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, por que ficará convosco e estará entre vós. - Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito". (João, 14:15-17 e 26)

São ainda objetivos do Espiritismo desvendar as leis que regem o mundo espiritual e suas relações e intercâmbios com o mundo material; atenuar e, se possível, eliminar a secular separação entre Ciência e Religião; enriquecer e permeiar os conhecimentos científicos e filosóficos, em seus diversos ramos e especialidades; oferecer um alicerce racional e experimental à fé, para que esta se torne *inabalável*, segundo conhecida expressão de Allan Kardec.

Estes objetivos servem de sustentáculo aos propósitos ético-morais, porque são o cumprimento da afirmação de Jesus de que “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. (João, 8:32)

No que diz respeito à metodologia, as diferenças são igualmente consideráveis. As ciências ocultas calcam-na no empirismo subjetivo. O Espiritismo apóia as suas proposições no empirismo objetivo, isto é, comprometido com a experiência científica e a observação dos fatos. As primeiras constituem-se em um acervo de informações advindas, segundo se diz, de antigas tradições iniciáticas. O segundo tem seu ponto de partida e seu sustentáculo permanente na revelação, ou seja, nas informações prestadas pelos Espíritos Superiores, através do instrumento da mediunidade. Essas informações são selecionadas com base na razão, no bom senso e, principalmente, no confronto com outras do mesmo teor que se sucedem por toda parte. As ciências ocultas utilizam-se freqüentemente do método intuitivo. O Espiritismo, da dedução e da indução, de acordo com os postulados da lógica.

Há alguns anos, vem ocorrendo importante mudança de posicionamento entre pessoas intelectualmente mais esclarecidas, diante das questões relacionadas com ocultismo e assuntos afins. Se antes tais coisas eram vistas com reserva, desconfiança ou ironia, atualmente elas são encaradas com quase nenhum preconceito. Podemos situar o começo desta mudança há aproximadamente quarenta anos e estabelecer, como um dos marcos iniciais importantes, a publicação, no início da década de 60, do livro “O Despertar dos Mágicos”, dos autores franceses Louis Pauwels e Jacques Bergier (editado em língua portuguesa, pela Difusão Européia do Livro).

Vislumbrávamos, nesse movimento, o salutar objetivo de sacudir o mundo científico oficial, extremamente amordaçado a preconceituosas premissas metodológicas. Assuntos considerados místicos pela Ciência Acadêmica eram *a priori* rechaçados, como indignos de investigação. Se o movimento obteve pouco sucesso, no âmbito da Academia, que permanece preconceituosa, teve contudo o mérito de libertar e ampliar o espírito de investigação, junto ao público em geral.

Há que se reconhecer que este *boom* místico e esotérico foi favorável à divulgação da Doutrina Espírita, porque sensibilizou a população a pelo menos analisar seus postulados, sem o ranço da rejeição apriorística.

A nós, espíritas, não é vedado o estudo de qualquer assunto, até mesmo astrologia, magia, quiromancia, etc. Todas as idéias e correntes de pensamento merecem ser consideradas e respeitadas. Contudo, é necessário que distingamos claramente Espiritismo de ocultismo e não venhamos a adotar, em palestras, artigos e livros doutrinários, rotulados de espíritas, aspectos e posicionamentos das ciências ocultas, a não ser como referência e comparação.

Como todos sabemos, “o Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação, e uma doutrina filosófica. Como Ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações”. (Allan Kardec. “O Que é o Espiritismo?” *Preâmbulo*, ed. FEB.)

Mas o Espiritismo é igualmente uma religião, porque busca na *revelação* muitos dos seus postulados. Como afirmou o Codificador, em *Caráter da Revelação Espírita* ("A Gênese", cap. I, item 13): "(...) o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem". ■

1. Dicionário de Filosofia. Nicola Abbagnano. Editora Mestre Jou, São Paulo, SP.
2. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2ª edição, revista e aumentada. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Editora Nova Fronteira.

O Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp: Histórico e Diretrizes ¹

SILVIO SENO CHIBENI

Neste trabalho relata-se a experiência do **Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp** (GEEU), que promove reuniões semanais de estudo no campus universitário desde 1979. Inicialmente, apresenta-se um breve histórico do Grupo. Em seguida, as diretrizes que têm direcionado suas atividades são expostas e comentadas.

I. Um Breve Histórico

1. As origens

Ao ingressar na Universidade, em 1977, tomei conhecimento da existência do Grupo Universitário de Estudos Espíritas (GUEE), que se reunia semanalmente nas dependências da Faculdade de Engenharia de Alimentos. Aberto à participação de todos os interessados, esse grupo era coordenado por alguns alunos bastante dedicados à tarefa. Deixou de existir no final de 1978 ou início do ano seguinte, quando quase todos os seus integrantes concluíram suas atividades na Unicamp.

Pouco depois, alguns alunos espíritas, em sua maioria dos cursos de graduação em física e química, convidaram-me para uma reunião de estudos, na sala IF-15 do Instituto de Física Gleb Wataghin. Éramos não mais do que dez pessoas, nenhuma das quais, com exceção de mim, havia participado do extinto GUEE. Afigura-se-me à percepção presente que foi a primeira reunião do atual grupo de estudos. Consolidando-se gradativamente, e divulgando suas atividades, passou a ser freqüentado também por funcionários e, mais tarde, por alguns docentes da Universidade.

2. As reuniões

Visto que a universidade é uma instituição que, por sua natureza, não se dedica a pesquisas espíritas, sempre tivemos o cuidado de solicitar autorização oficial para utilizarmos suas dependências. Essa circunstância influiu na transferência do Grupo, poucas semanas após a referida reunião, para uma das salas de aula do Instituto de Química (IQ). À época, o Instituto tinha como diretor o Professor Aécio Pereira Chagas, que desde então vem colaborando com o Grupo, não apenas quando das renovações anuais do pedido de uso de sala (para o que alguns outros docentes do IQ também têm emprestado seu apoio), mas também participando ativamente das reuniões, em diversas oportunidades.

Nos anos iniciais, havia em geral mais do que uma reunião por semana, até o máximo de quatro, durante um ou dois semestres, com vistas ao desenvolvimento de estudos específicos de diversas obras. Depois, fatores circunstanciais diversos acabaram determinando a concentração das atividades em apenas uma reunião semanal, como ocorre hoje.

No final de 1994 o Grupo transferiu-se para o auditório da Diretoria Geral da Administração (DGA), na qual à época trabalhavam alguns de seus mais assíduos integrantes. Pudemos utilizar esse local até o final de 1996. No presente ano, reinstalamos-nos no IQ.

As reuniões têm duração aproximada de uma hora e meia, e são

iniciadas e encerradas com breves momentos de prece. O número de pessoas tem variado muito ao longo dos anos e ao longo dos períodos letivos. Ordinariamente, observa-se acentuado declínio da frequência nos finais de semestre, época de provas e exames. Houve tempos em que estávamos presentes apenas uma ou duas pessoas. Atualmente, têm comparecido de quinze a trinta pessoas, acima portanto da média histórica, que deve girar em torno de dez freqüentadores.

Entre os problemas de ordem material enfrentados pelo Grupo, destaca-se a alteração e, por vezes, a precariedade dos locais de reunião. Ressente-se também de certa insuficiência dos meios de divulgação, presentemente minorada pelo advento da Internet.

A flutuação do público, porém, tem sido o fator que mais negativamente interfere no desenvolvimento de estudos sistemáticos e seqüenciais ao longo dos anos. Essa flutuação tem um componente inevitável - o fato de que, por sua natureza, o corpo discente da universidade não é fixo -, e outro que se liga às convicções, interesse e dedicação incertos de vários daqueles que se aproximam do Grupo.

3. Atividades adicionais

A finalidade precípua do GEEU é o estudo sistematizado do Espiritismo em suas reuniões semanais. No intento de incrementar a divulgação do Espiritismo, nos anos de 1995 e 1996 o Grupo promoveu três semanas espíritas, que consistiram de ciclos de palestras e feiras do livro espírita. Nas feiras, procuramos dar ênfase às obras de Allan Kardec e outras de reconhecido valor doutrinário. Serviram não somente para divulgar a literatura espírita, mas também para ensejar um diálogo mais direto com pessoas da comunidade universitária interessadas no Espiritismo.

Em 1995 um membro do Grupo criou na Internet uma *home-page* destinada a divulgar o Espiritismo. Trata-se de uma das primeiras iniciativas do gênero, explorando esse novo canal de divulgação doutrinária, cuja importância é cada dia maior. Voltada prioritariamente à comunidade internacional, essa página é escrita quase que integralmente em inglês, denominando-se "Spiritism to the World", tem apresentado expressivo e compensador retorno. O atual endereço da página é <http://www.ifi.unicamp.br/~xavier/spirit.html>, prevendo-se talvez sua "migração" para a página do Grupo de Estudos Avançados de Espiritismo (<http://www.geae.org>) devido a fatores circunstanciais.

II. Diretrizes de Atuação

1. Divulgação

O GEEU sempre julgou indispensável estar aberto à participação de todos os interessados. A cada semestre, renova-se a divulgação das reuniões por toda a universidade, por meio de cartazes, boletins de notícias (quando possível) e, mais recentemente, pela Internet.

No início de 1998 foi criada outra *homepage*, em português, mais diretamente ligada às atividades rotineiras do GEEU, na qual estão sendo inseridos diversos artigos elaborados a partir dos estudos efetuados, ou a eles relacionados. Essa nova página encontra-se em <http://www.geocities.com/Athens/Academy/8482>, e começa a contribuir para uma melhor divulgação do Grupo dentro e fora da Universidade.

2. Fidelidade doutrinária

O GEEU é um grupo de estudo de *Espiritismo*. Embora respeitemos as demais abordagens do elemento espiritual, de natureza religiosa, mística, filosófica, etc., acreditamos que, assim como ocorre nas academias, deve haver uma especialização de atividades. Pessoas que queiram estudar essas vertentes não-espíritas têm toda a liberdade de formar outros núcleos e participar das instituições que melhor atendam aos seus interesses. O GEEU, porém, tem por finalidade exclusiva manter dentro da universidade um espaço no qual se possa aprender e aprofundar conhecimentos genuinamente espíritas.

Análises do Espiritismo à luz da moderna filosofia da ciência revelam seguramente que ele constitui uma verdadeira ciência, um programa científico de pesquisa, ou paradigma científico, com corpo teórico, conceitos e metodologia próprios e autônomos, como lucidamente notou o próprio Allan Kardec. No primeiro capítulo de seu livro *A Gênese*, ele adverte que embora o Espiritismo seja progressivo e aberto como qualquer ciência, seu desenvolvimento deve se processar segundo os recursos heurísticos e teóricos do próprio programa espírita, sem a enxertia apressada de elementos estranhos, venham de onde vierem. Reconhecendo as “verdades práticas” das demais ciências, o Espiritismo estará em harmonia com elas, naquilo que houverem estabelecido de forma estável. Seu papel é complementá-las na investigação da Natureza, examinando o elemento espiritual, de que elas não se ocupam, por sua própria concepção.

Igualmente, pode-se mostrar que as propostas de investigação dos aspectos espirituais da realidade que surgiram depois do Espiritismo com o propósito de suplantá-lo enquanto ciência, tais como a metapsíquica e a parapsicologia, invariavelmente não lograram alcançar esse objetivo, por falhas conceituais, teóricas e metodológicas diversas. É comum que pessoas e grupos do meio universitário interessados no estudo de fenômenos espíritas não percebam adequadamente esse fato, e acreditem que o estudo científico de tais fenômenos deva se desenvolver segundo essas perspectivas paralelas ao Espiritismo. Indivíduos com esse enfoque aparecem, de tempos em tempos, no nosso Grupo, afastando-se alguns, quando verificam que ali estudamos “só” Espiritismo, integrando-se outros, quando se dispõem a aprofundar conosco a questão. ²

3. O roteiro de estudos

Embora este ponto não estivesse claro para todos os participantes das reuniões iniciais do Grupo, gradualmente foi-se estabelecendo que os estudos deveriam gravitar em torno do núcleo doutrinário estabelecido por Allan Kardec. Desse modo, alguns meses após sua criação o GEEU já tomava *O Livro dos Espíritos* como o centro de suas atenções. Não apenas essa obra aborda de maneira segura, embora por vezes sucinta, todos os princípios centrais do Espiritismo, mas igualmente define-lhe os conceitos fundamentais. Além disso, sua organização didática dos assuntos pode ser aproveitada como um excelente roteiro de estudos, que enseja as oportunas complementações, com base nas demais obras de Kardec e da literatura espírita de boa qualidade que surgiu após elas.

Conforme já mencionado, houve época em que o GEEU manteve mais de uma reunião semanal: uma para o estudo de *O Livro dos Espíritos*, outra para *O Livro dos Médiuns*, outra para *O Evangelho segundo o Espiritismo* e outra para principiantes. Essa multiplicidade de reuniões especializadas não se pôde sustentar por muito tempo, dada a falta de recursos humanos. Mas por diversos

anos conseguimos manter a reunião dedicada ao estudo aprofundado de *O Livros dos Médiuns*, que constitui a base experimental da ciência espírita. Posteriormente tentamos, em vista do interesse mais direto das pessoas que então freqüentavam o Grupo, introduzir um roteiro de temas que não obedeciam à ordem estrita de *O Livro dos Espíritos*, sempre porém com base nas obras fundamentais. Esse roteiro mostrou-se útil durante algum tempo. De uns anos para cá, retomamos a seqüência de *O Livro dos Espíritos*, ao lado de alguns tópicos especiais, como a história do Espiritismo e questões relativas ao movimento espírita.

Não nos propomos a percorrer tantos capítulos ou itens em tanto tempo, como é comum acontecer em cursos de instituições espíritas mais formalizadas. O que nos interessa é a compreensão satisfatória dos textos básicos, desde a introdução, parágrafo por parágrafo, bem como dos pontos complementares suscitados por seu estudo. Não temos pressa de cumprir programas, mas de aprender. Tem acontecido de o estudo de um único capítulo de *O Livros dos Espíritos* estender-se por quase um semestre.

Dado o caráter flutuante do grosso dos freqüentadores, há uma recorrente necessidade de esclarecer e orientar novos membros, que não raro chegam com um nível de conhecimento doutrinário elementar, ou com distorções de compreensão doutrinária. Isso nos leva a abrir “parênteses” mais ou menos longos no roteiro estabelecido. Se tal circunstância dificulta o aprofundamento e o estudo metódico dos temas, por outro lado é levada em conta em nossa proposta. Não estamos lá para nos encerrar em um círculo de pretensão saber; além de não corresponder à realidade, isso representaria a extinção certa do Grupo. Queremos tornar a idéia espírita disponível a todos os interessados que se acerquem de nós, seja qual for a sua condição doutrinária ou cultural, contanto que movidos pela vontade sincera de aprender. Em meio a um movimento espírita onde vicejam tantas idéias mal fundamentadas e tantas esquisitices, acalentamos a esperança de contribuir para a preservação da doutrina, ainda que de forma muito limitada, divulgando textos fundamentais e ressaltando sua excelência em nossas discussões.

4. Desvinculação institucional

Não obstante a seriedade com que sempre procurou atuar, o GEEU nunca pretendeu institucionalizar-se.

Embora constitua uma verdadeira ciência (e também uma filosofia e uma religião), o Espiritismo distingue-se das ciências acadêmicas, pela especificidade de seu objeto de estudo e de seus objetivos. Assim, não vemos como apropriada a sua inserção institucional nas academias, pelo menos na presente era da Humanidade (veja-se Chagas 1994).

Quanto às relações do GEEU com o movimento espírita, igualmente não formalizadas, têm sido harmônicas e produtivas. Vários dos participantes do Grupo desenvolvem atividades regulares ou excepcionais junto a instituições espíritas de Campinas e de outras cidades. O Grupo também já teve a oportunidade de convidar pessoas ligadas a essas instituições para apresentar palestras ou seminários, especialmente quando da realização das semanas espíritas. As três feiras de livros promovidas nessas ocasiões contaram com a eficiente e simpática colaboração da distribuidora de livros da USE-Campinas.

5. Integração fraterna

Temos envidado esforços para que as relações humanas entre os membros do Grupo sejam o mais fraternas possível. Gostaríamos que laços de amizade se juntassem ao interesse comum pelo estudo do Espiritismo, e isso em muitos casos tem-se verificado. O clima fraterno não apenas faz parte essencial de nossa vida moral, incrementando as condições de nossa felicidade, mas também mostra-se altamente favorável para o próprio desenvolvimento dos estudos, contribuindo para a superação dos melindres, da timidez, do isolamento durante as reuniões. ■

1. Texto apresentado na mesa-redonda “A atualidade científica e a doutrina espírita”, realizada no dia 30 de maio de 1997, no âmbito do 10º Congresso Estadual de Espiritismo, promovido pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE), em São Paulo, de 29 de maio a 1º de junho de 1997. Alguns trechos deste artigo foram publicados nos Anais do evento, pp. 30-31.

2. Aliás, esse assunto foi, em diversas ocasiões, detalhadamente examinado por nós, resultando daí alguns textos que se encontram publicados na imprensa espírita, ou incorporados em nossa *homepage*. Veja-se, por exemplo, Chibeni 1988 e 1994. Os artigos de Aécio Chagas, Ademir Xavier Jr. e Juvanir Borges de Souza listados no final poderão também ser consultados a esse respeito.

REFERÊNCIAS:

BORGES DE SOUZA, J. “Pesquisas e métodos”, *Reformador*, abril de 1986, pp. 99-101.

CHAGAS, A.P. “O que é a ciência”, *Reformador*, março de 1984, pp. 80-83 e 93-95.

“As provas científicas”, *Reformador*, agosto de 1987, pp. 232-33.

“A Ciência confirma o Espiritismo?” *Reformador*, julho de 1995, pp. 208-11.

“O Espiritismo na Academia?” *Revista Internacional de Espiritismo*, fevereiro de 1994, pp. 20-22 e março de 1994, pp. 41-43.

CHIBENI, S. S. “A excelência metodológica do Espiritismo”, *Reformador*, novembro de 1988, pp. 328-33, e dezembro de 1988, pp. 373-78.

“O paradigma espírita”, *Reformador*, junho de 1994, pp. 176-80.

XAVIER JR., A. L. “Algumas considerações oportunas sobre a relação Espiritismo-Ciência”, *Reformador*, agosto de 1995, pp. 244-46.

Seara Espírita

R. G. DO NORTE: CONGRESSO ESPÍRITA

Realiza-se em Natal, no período de 5 a 8 deste mês, o 8º Congresso Espírita do Rio Grande do Norte, promovido pela Casa de Caridade “Adolfo Bezerra de Menezes”, com o apoio da Federação Espírita do Rio Grande do Norte e do Conselho Federativo Estadual. O tema oficial, “Mediunidade - Portal de Luz”, será abordado por Isaias Claro, na conferência de abertura, e através de 32 subtemas, desenvolvidos por expositores de vários Estados, especialistas nos respectivos assuntos, em conferências, seminários, mesas-redondas, painéis e outras modalidades.

*

SERGIPE: SEMINÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

A Federação Espírita do Estado de Sergipe promoveu nos dias 1 e 2 de agosto um Seminário sobre a Família com a participação de Antonio Cesar Perri de Carvalho (Presidente da USE-SP) e Célia Maria Rey de Carvalho, que também fizeram palestras em Aracaju.

*

RÁDIO RIO DE JANEIRO

Conforme notícia o Boletim Informativo da Fundação Cristã-Espírita Cultural Paulo de Tarso, mantenedora da Rádio Rio de Janeiro, essa emissora em jul/98 ocupou o 3º lugar do Ibope, aos domingos, e de segunda a sexta-feira o 5º lugar dentre as 24 emissoras AM.

O Programa “Despertar para o Terceiro Milênio”, agora em sistema integrado Rádio e TV, é transmitido todos os domingos às 8 horas pela Rádio Rio de Janeiro e pela TV Bandeirantes, Canal 7.

*

ARGENTINA: “SOCIEDAD CULTURAL FELIPE SENILLOSA”

Comemorou, essa sociedade espírita de Buenos Aires, 91 anos de existência, com um Seminário, sob a coordenação de seu Presidente, Hugo Omar Alvarez, em que foram proferidas palestras com base na Doutrina Espírita, como Mediunidade e Lei de Causa e Efeito.

*

SALVADOR (BA): ENCOMLUZ

Realizou-se no Centro de Convenções da Bahia, de 31 de julho a 2 de agosto, o ENCOMLUZ - Encontro com os Cavaleiros da Luz - em comemoração dos 20 anos de existência do Centro Espírita Cavaleiros da Luz, de Salvador, com o tema central “O Homem e seus anseios”, abordado na abertura, por José Medrado, e subdividido em 14 temas especiais, que foram focalizados por diversos expositores. O evento contou com o apoio da Federação Espírita do Estado da Bahia.

*

PARAÍBA: SIMPÓSIO DE MEDICINA E ESPIRITISMO

Realizou-se no Auditório da Federação Espírita Paraibana o II Simpósio de Medicina e Espiritismo, no dia 20 de julho, do qual constaram as seguintes conferências: “Comunicação Espiritual e Instrumental”, “O Amor e Evolução das Partículas Atômicas no Espírito”, “Clonagem à Luz do Espiritismo” e “Ressurreição e Reencarnação”.

*

CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS

A Cruzada dos Militares Espíritas, membro do Conselho Federativo Nacional da FEB, encerrou o mês de junho deste ano com uma representação nacional que compreende 27 Núcleos, 9 Representantes e 382 Delegados, dos quais 183 mantêm e coordenam GED - Grupos de Estudos Doutrinários. Este crescimento reflete uma tendência que se vem mantendo há vários anos, fruto de dois fatores: primeiro, a maior divulgação da CME, com melhor compreensão do trabalho que realiza; segundo, a própria expansão do Espiritismo em dimensão nacional.

*

LONDRINA (PR): SEMANA ESPÍRITA

Realizou-se no Centro Espírita Nosso Lar, de 18 a 26 de julho, a VII Semana Espírita de Londrina, o mais importante evento do norte do Paraná, do qual participaram 2.194 pessoas daquela cidade e de outras localidades paranaenses. O evento, promovido pelas Casas Espíritas que integram a União das Sociedades Espíritas de Londrina (USEL), com o apoio da 5ª União Regional Espírita, constou de 23 diferentes atividades - palestras, seminários e grupos de estudos.

*

ADE-SP REALIZA SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO

A Associação de Divulgadores do Espiritismo de São Paulo (ADE-SP) realizou nos dias 5, 6 e 7 de setembro o 3º Simpósio Paulista de Comunicação Social Espírita, na sede do Instituto Espírita de Educação, em São Paulo, com o tema central “Os Dois Pólos da Comunicação: Mediunidade e Mídias”, desenvolvido por expositores paulistas e dos Estados da Bahia e Rio de Janeiro.

*

MATO GROSSO: ATIVIDADES DA FEEMT

Destacamos do calendário de atividades da Federação Espírita do Estado de Mato Grosso para 1998 os seguintes eventos do quarto trimestre: **Outubro** - Encontro de jovens trabalhadores espíritas, com o tema “O Jovem e a Mediunidade” (dia 25); **Novembro** - Caravana federativa à região de Cáceres, de 31/out a 2/nov. (OVCE-Ouvindo a Voz da Casa Espírita, cursos, miniconfraternizações de jovens e palestras); dia 21 - OVCE em Cuiabá e região; **Dezembro** - Reunião do Conselho Federativo Estadual.